Mlle. Haydée Vianna

COMPANHIA
CASCATINHA
HANSEATICA

FOLHETIM 16

JULES MARY

Primeira parte

— Bem, senhor.

E ia a sahir. Ao alto da escada, pára e deixa escapar uma exclamação. A lampada aclara vagamente o corredor e lá, diante da porta aberta, está uma mulher vestida de negro. Bruscamente Turgis tira o quebra-luz do lampeão e a luz vae bater em cheio no rosto da visitante. Elle solta um grito de desespero e de terror.

— Genoveva !... Genoveva !..

Ella entra e encontra-se no meio do gabinete. O porteiro sahiu. Ella está só com o juiz. Elle deixou-se cahir na sua poltrona, e com os cotovellos apoiodos sobre a mesa, a cabeça entre as mãos que velam os seus olhos, procura conservar seu sangue frio. Appella pora toda a sua coragem. Que irá elle ouvir ?... Não ousa olhal-a de frente. Ella se cala. Os braços cahidos, os cabellos em desordem, toda desfeita, ella tem o ar de uma mendicante. Seus labios largamente abertos, deixam passar com difficuldade o ruido da sua respiração. Tem os olhos enxutos e vermelhos.

—Sou eu, disse ella. Parecia que o senhor me esperava... não é?...

—Não... A esta hora ?... E depois, porque havia de eu esperar-vos ?...

Ergueu-se e offereceu-lhe uma cadeira. E ella, meneando a cabeça, murmurou :

—Não é o senhor de Turgis que eu busco. E' o Juiz.

—E que tendes a fazer com o Juiz ? disse elle compassadamente.

—Venho accusar-me de um crime que commetti...

—Um crime !...

—Sim, o crime que o senhor temia tanto, que o senhor procurou evitar, recorda-se ?... Ou o senhor tem a memoria fraca ?...

E riu com amargura.

—Genoveva, não é verdade o que dizes? Tendes prazer em torturar-me... E' uma experiencia, que fazeis, do meu animo e do meu coração ? A idéa deste crime é tão abominavel que não acredito que ella pudesse dominar o vosso espirito. Em um momento de loucura, vá,.. mas a loucura não dura... A razão vence... Genoveva por piedade, não é verdade o que dizeis ?

—Juro, que esta tarde, eu lancei vitrolo, lembrai-vos do frasco do outro dia ? —sobre a cabeça de Mme. de Chantereine !

Talvez que ella já esteja morta... mas não era esse o meu intento... Não me arrependo do meu acto... Apresento-me para ser julgada.

—Mentes, Genoveva. E' simplesmente horrivel o que dizeis.

—Mandai-me para a prisão... sem demora. Estou cançadissima e morta de somno... ha tantos dias que eu choro e suspiro, ha tantas noites que não durmo. Agora já não tenho vontade de chorar. Já não odeio ninguem nem mesmo ella... Quero dormir, preciso descançar, sr. de Turgis...

Genoveva sentou-se pesadamente na cadeira que lhe estava proximo. E como cambaleasse, e pudesse cahir desfallecida, Turgis apressou-se em amparal-a, ajoelhado. tendo a cabeça de Genoveva reclinada sobre o seu hombro.

— Oh! Sr. de Turgis, murmurou ella com voz summida.

Perturbado pelo horror deste crime e pelo profundo amor que aquella pobre creatura lhe inspirava, elle respondeu :

— Infeliz, que fizestes ?

Seus olhos encheram-se de lagrimas. Ella se apercebeu disto e, tirando seu lenço, enxugou as lagrimas que corriam pelas faces do magistrado apezar dos seus esforços para contel-as.

—Faço-vos soffrer ?

—E' então verdade, Genoveva? repetiu elle.

—Chorais, eu vos lamento. Sei bem o que valem as lagrimas... Esquecei quem eu sou... Lembrai-vos somente do que sois e perdoai o pezar que vos causo.

Elle se levantou. Ficou muito tempo silencioso, absorvido por seus graves pensamentos. Seus olhares iam algumas vezes procurar os de Mme. de Montbriand. Ella não os evitava, parecia esperar que elle a interrogasse.

—Contai-me de novo, disse elle, o que se passou.

—Eu estou fatigada, não tenho nem forças para abrir os olhos. Esta manhã ainda tive febre. Isto me sustentava, me fazla andar... agora... acabou-se... Meu Deus, como estou fraca!

Contar-vos de novo o que se passou hoje é de alguma utilidade ?... Não o advinhastes ?... Esperei Rolanda... escondida no parque de Rochevaux.

Heitor estava lá... no castello... Elle appareceu... Juro que se não o tivesse visto, assim de improviso, insolente na sua paixão, eu teria hesitado em castiga. ! mas eu o vi, tranquillo, á vontade, feliz. Minha rival, estava então diante de mim, bem perto... precipitei-me e marquei no seu rosto o stigma de sua ignominia, de sua vergonha, que lhe marcará até seus ultimos dias de existencia...

—E é a mim que vindes dizer !

—Não sois meu amigo ? Sois tambem meu juiz. Pouco importa. Ninguem melhor comprehenderá as angustias porque passei, antes de formar esse projecto terrivel ! Não julgais somente o crime, julgai tambem a intenção, e as causas determinantes...

E' com confiança, com alegria que corri para vós, Turgis. Bem sei qual é o vosso dever. E' preciso. Eu podia ter fugido, escapar á acção da justiça. Não o quiz. E vos digo : que me julguem.

—Sereis, julgada, Genoveva pois que é essa a vossa vontade. Mas não quero que vádes para a prisão. Vou escrever ao director do hospital. Depois de uma semelhante crise, tudo é para recear.

Amanhã, quem sabe si tereis forças bastantes para vos manterdes de pé... O director vos receberá, de minha ordem. Sereis um pessimista...

Quando estiverdes em condições de responder a um interrogatorio regular, de supportar os debates de um inquerito, então, far-vos-ei comparecer.

—Obrigada, sr. de Turgis... junto de ós, serei feliz.., hontem ereis meu amigo... eu não ousava abrir-me porque ha muito tempo comprehendo que me amais. Amanhã eu esquecerei que vos me tinheis amado e vereis o meu coração.

Turgis entrou no seu gabinete. Era preciso assignar um mandado de prisão e uma ordem de baixa ao hospital. Sua mão tremula, recusava fazel-o, hesitava... Seus olhos olhos estavam cegos.

—Eu, dizia elle, eu que a amo tanto !

Baixando a cabeça, e com labios pesados de soluços, accrescentava.

— Eu que a amo ainda... E' preciso que eu assigne essas cousas !

Elle podia recusar tazel-o : Sabia-o.

Mas essas idéas lhe contrariava.

Não era seu dever, do seu amor mesmo, preparar esse processo criminal ? Genoveva lhe tinha dito : Quem melhor que Turgis desculparia seu crime? Elle assignou.

— Vou mandar o porteiro vos acompanhar ao hospital. A' ordem de entrada no hospital junto uma carta explicativa ao director.

Sereis, com esta recommendação, tratada com especial carinho, não como uma prisioneira, mas como uma doente.

Elle frisou estas ultimas palavras e pronunciou-as com tamanha docura e tristeza que deixava rransparecer bem a profunda piedade que so seu coração inspirava essa pobre mulher, que prorompeu subitamente em soluços e depois de mãos postas, dominada pelo pranto exclamou ;

— Eu vos peço perdão sr. de Turgis, eu vos peço perdão.

Baixou a cabeça e deixou escapar um suspiro profundo.

O sr. de Turgis tocou a campainha. Apresentou-se o porteiro.

Assim, pensando, disse Turgis :

— Vosso crime só tem uma desculpa, o affecto que consagraes a vosso filho de quem o sr. Montbriand tem dissipado a fortuna.

Não ha senão uma razão : o vosso ciume...

— Eu era ciumenta.

E Turgis procurando dar um tom indifferente á voz, perguntava :

— Amaes então... ainda... ao sr. de Montbriand...

— Amava-o.

— O despreso não matou o vosso amor ?

— Envergonho-me de confessal-o... que quereis ?... Parece não me ser possivel amar duas vezes.

— De modo que... Agora !...

— Agora... amo-o ainda...

E ella abaixou a cabeça.

Turgis ficou algum tempo contemplativo

— Amo-o, disse ella ; todavia não creio que lhe venha a perdoar.

Não, não o verei jamais, qualquer que seja a sorte que me reserve o destino ; qualquer que seja o *veredictum* do jury e a sentença da Côrte de Justiça.

Entre mim e meu marido está tudo acabado... e para sempre !

E a vós que sois tão bom para mim, sr. de Turgis, a vós, de quem guardarei eternamente a mais viva recordação, peço que me poupeis um grande desgosto, um grande pesar...

— Falae, senhora... Eu sou o vosso amigo de sempre !

— Si eu for condemnada, que será de Magdalena ?...

Meu marido, que nunca lhe teve affeição a expulsará com certesa.

— Occupar-me-ei disto.

Mas vosso pae recolherá, sem duvida, á sua casa, Magdalena e vosso filho, pois Heitor, como ignoraes, bem sei, desappareceu desde o dia de vosso crime.

Não voltou mais a la Motte-Feuilly.

— Que foi feito delle ?

— Pelos apontamentos que me foram fornecidos, acha-se actualmente na America.

— O desgraçado !... Que vae fazer elle agora ?

— Tomae estas cartas e conduzi esta senhora ao hospital.

As cartas são para o director. Si elle não estiver lá, voltareis para me avisar.

Genoveva inclinou-se num cumprimento respeitoso. Elle retribuio-o.

E quando Genoveva já tinha saido, elle poz-se a chorar silenciosamente, de pé, a cabeça inclinada sobre o peito.

VIII

A instrucção não foi longa. não havia no processo nem mysterio, nem segredo algum a penetrar, nem denegações, nem falsidades.

A sra. de Montbriand comparecera apenas duas vezes perante o juiz. Havia lhe promettido abrir-lhe todo o coração. E manteve a sua promessa.

Extraordinarios interrogatorios foram esses. Era uma confissão que elle ouvia, uma historia em que elle representava tambem seu papel e do qual havia previsto as peripecias e o desfecho ; uma historia duplamente dolorosa para elle, pois que traçava em suas linhas geraes os sentimentos intimos de Genoveva, bem como o seu ardente amor pelo marido.

Chegaram até a esquecer — elle, que era amigo dessa joven senhora ; ella, que esse homem estava perdido de amores por si.

Fallavam-se como si fossem estranhos um ao outro ; ás vezes, porém, uma pergunta ou uma resposta os faziam voltar á cruel realidade.

Genoveva tinha sido visitada por seu pae varias vezes e choraram juntos. O velho Trinque perdoara sua filha.

A condessa não ousara interrogar nem Turgis, nem Trinque, sobre Mme. de Chantereine. Ella temia receber a noticia de sua morte. Mas, finalmente ella se decidiu e foi com voz tremula e aprehensiva que ella se derigiu a seu pae :

— E ella ?

— Tranquillisa-te. Está salva.

— Não ficaria cega ?

— Não ; apenas desfigurada. Receiava-se que viesse a perder a vista esquerda, mas agora não ha mais perigo. Tu a verás na audiencia.

— Diante de mim ! Não, isto não ! nunca !

— E' preciso, minha filha, a justiça te obrigará... não te poderás escusar...

Tens te castigado a ti mesma... és punida...

Mas, vamos, ha condemnações que não deshonram.

Por mais rigorosa que seja a justiça tu serás sempre cercada do respeito e affecto d'aquelles que te conhecem e que não te negarão o seu apoio moral.

Chegou o dia do julgamento. O processo tinha repercutido em toda a França. A imprensa parisiense enviará representantes a Châteauroux, onde corria o processo.

Havia grande anciedade no espirito publico pelo seu desenlace final.

A opinião era favoravel a Mme. de Manteriand. Todos os detalhes do caso eram cenhecidos.

Genoveva conquistava as sympathias do publico.

Ao contrario, Mme de Chantereine inspirava pouca piedade e os jornaes do departamento tornaram-se o écho da unanime reprovação a sua e a conducta de Heitor.

Genoveva compareceu perante o tribunal toda vestida de preto — uma toilette de casemira preta guarnecida de vidrilhos negros, na qual sobresahia apenas a renda branca da golla.

Os soffrimentos de toda a especie por que tinha passado, não tinham modificado o encanto e a graça de sua pessoa.

(*Continua*).

Deram-nos a honra de enviar cumprimentos de bôas festas, o que affectuosamente retribuimos, as seguintes pessoas :

Senhoritas, Zizinha Faria, Leontina, Vignot, Vovósinha, Carmen Martins, Biby Oliveira, Ibabel Garcia, Thomyres Colombo, Clarice Madeira, Alzira V. Tinoco, Arminda, Kediva Pires, Iza Castix, Lucia Imbuzeiro, Myosotis, Fanny Guimarães, Odila Rezende, Nair Monteiro, Noemia Collin, Mme. Graziela Kœler, Argentina Silva Rosas, Saint Brisson, Adelina Mario, srs. José Caetano Rosas, Pedro Bruno, José Kemp, Avellar Vieira, José de Mello Sciacca, Osorio Palmella Bastos de Oliveira, coronel Carlos Thomaz Pereira, Gonçalves Zenha & C., Gil Augusto Siqueira, Ullysses Gualter Bastos, Cezar Palhares e familia, commandante Jorge da Fonseca, capitães J. Ferreira e J. de Mello.

ANNO II RIO DE JANEIRO, 15 DE JANEIRO DE 1915 NUM. 17

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

EXPEDIENTE

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS

Anno . . . . 10$000
Semestre . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Numero avulso 400 réis; nos Estados 500 réis

As importancias das assignaturas podem ser remettidas em carta registrada, vale postal ou ordem para casa commercial desta praça.

Toda a correspondencia deve ser dirigida (provisoriamente) para a Avenida Rio Branco, 180 (Officinas), endereçada a F. A. Pereira. Caixa Postal 421.

D'ora avante não restituiremos as photographias que nos forem remettidas, as quaes ficarão pertencendo ao archivo do *Jornal das Moças*.

CHRONICA

POBRE sexo fragil! Tristes fragilidades da natureza humana.

Em meio da luta tremenda em que se debatem os que vivem nas grandes cidades, nessas colmeias de milhares de almas, cada qual vivendo a seu modo, e agindo na proporção de seus recursos materiaes e subordinados á impetuosa corrente de suas tendencias moraes, ah! que de vezes a mulher, entregue aos seus proprios destinos, sem um guia que lhe norteie o rumo e sem um coração que lhe comprehenda os anceios da alma, quanta loucura não commette e a quanta desdita não se expõe!

A essa, que, aos dezoito annos, mal tendo feito descer de sua fronte de virgem os niveos botões de casta noiva, se viu de repente abandonada do marido e entregue apenas a esse forte e energico sentimento de mãe, que tanto ampara a mulher, não foi dado sem duvida fruir a doce ventura da familia, o grato aconchego do lar, onde podesse compartir seu amor com outra alma irmã da sua e proseguir, irmanadas por esse venturoso enlace que a propria natureza creou para a felicidade humana.

Para essa infeliz, desherdada do lar, passaram-se onze annos, só tendo por lenitivo dessa saudosa ausencia do esposo que lhe pareceu, em seus sonhos de amor, ser o venturoso complemento dessa existencia imaginada tão bella, o casto e amantissimo affecto de filha.

Essa criança, botão roseo desse perfumado *bouquet* de seus curtos dias de noivado, desabrochado ao calor ainda dos primeiros anceios e carinhos matrimoniaes, é que lhe enchia a triste existencia dessa celeste garridice, dessa encantadora poesia dos mais castos e garrulos amavios humanos.

Foi crescendo, crescendo, sempre amparada por esse ditoso, brando e acalentador affecto materno, de cuja seiva tanto vigor tirava para o seu desenvolvimento vital.

Aos onze annos, porém, quando para a mãe querida chegava, na expressão de Balzac, a idade da loucura, o periodo rubro das paixões desordenadas, esse verdadeiro cabo tormentoso dos sentidos em luta com a razão, viu a pobre menina, esse «entreaberto botão, entrefechada rosa», na phrase do poeta, que a existencia risonha que passava não tardaria desfazer-se em cahos tremendo, que o horizonte escampo e vasto de seus destinos iam em breve toldar-se ao sopro das paixões incontidas.

Para o coração materno já não bestava a solicitude do seu affecto, a meiguice de seus carinhos, a doçura de seus meigos cantares, a casta virgindade de seus primeiros sonhos. O amor, em plena maturidade dos sentidos, invadira-lhe a alma em supremos éstos de loucura.

Voltou-lhe ao coração, depois de onze prolongados annos de repouso, a ave canora do amor, a entoar sempre, da janella dos sonhos, a volata dulcissima desse apego que a mulher, ás vezes, não sabe bem si é da terra, tanta cousa encerra ella do viver dos anjos.

Mal, porém, o genio infernal dos sentidos a arrastou, do canteiro verdejante onde floria a casta flor do affecto filial para o despenhadeiro sem fundo das paixões sem freio, presentiu ser certa a sua desdita.

De sua fraqueza, do seu abandono ao novo amor que a assediara, conquistando-a, ia surgir o fructo sinistro que a iria perder, a baloiçar-se sempre da arvore venenosa do amor prohibido.

A cegueira que a levara áquella insensatez amorosa pouco tempo teve de duração. Despertou em meio daquelle venturoso idyllio paradisiaco com o coração a sangrar e a alma a desfazer-se aos golpes do arrependimento.

Quando acordou dessa verdadeira lethargia do amor que cede, poude calcular então o precipicio tremendo em que se havia despenhado.

Procurou fugir desse abysmo, mas a sorte cruel, ao envez do meio salvador para a sahida com honra, impelliu-a ainda mais na queda, dando-lhe a morte nas arestas tormentosas de seu desatino.

Pobre sexo fragil! Tristes fragilidades da natureza humana!

SYLVIO.

A arte de ser elegante

A ELEGANCIA é um dom divino que os deuses nos legaram. Ella representa sempre um esforço para melhor, para uma longinqua perfeição, para uma aspiração perpetua de Belleza.

Tentemos realisal-a, colhendo-a — flôr de civilisação — como uma flôr divina na mocidade transitoria...

Além disso a elegancia, a polidez, o trato com as boas roupas nos modificam profundamente para melhor. E' quando se comprehende Buffon usando punhos de rendas custosas para poder escrever com garbo e elevação. Para nobilitar ainda mais as paginas que elle desejava impeccaveis e definitivas, procurava com harmonia, entre lindos velludos de Veneza e do Oriente buscar a inspiração e o estylo sumptuoso e nobre.

Este simples facto prova muito bem que as preoccupações de elegancia não são absolutamente apanagio das creaturas mediocres.

* * *

A preoccupação séria e sobria da elegancia já vae entrando mais nos nossos costumes.

Até bem pouco tempo o abuso dos adornos, as roupas excessivamente luxuosas tornavam as nossas mulheres de uma deselegancia lamentavel.

Evocavam muitas vezes figurinos preparados para a exhibição de objectos caros de uma casa de modas.

A elegancia é uma cousa muito differente do luxo, já o dissemos e repetimos agora.

Muitas vezes uma senhora com um vestido sem arrebiques, com um chapéo leve e ligeiro é mais elegante que outra que está envolta em sedas e pedrarias.

Porque esse contraste?...

Por um motivo muito simples. A elegancia reside na Belleza, na perfeição das linhas, no contorno de um busto de elance deslumbrante, num rosto sem rugas, num movimento de andar, e num gesto.

A elegancia é calma, despreoccupada, natural. Ninguem é elegante quando quer, e sim quando póde.

O luxo está ao alcance de todos. A elegancia pertence aos seres privilegiados que a natureza estigmatisou com o signal divino do gosto artistico.

Um povo é tanto mais elegante, quanto mais simplicidade tem nas suas maneiras e no seu vestuario.

Parece que já vamos comprehendendo isso. O certo é que não vemos mais com tanta frequencia aquelles monstruosos chapéos lembrando os jardins suspensos da Babylonia, com aquellas *pleureuses* enormes evocando salgueiros gigantescos, nem os vestidos excessivamente complicados que tanto incommodavam a nossa vista e... os que viajavam nos bondes.

A elegancia está entrando firme nos nossos habitos, porque já nos estamos tornando mais naturaes, mais despreoccupados, menos imitadores.

A elegancia emigra e faz como as andorinhas. Vae em busca de climas mais propicios, onde possa figurar, onde possa explender.

O sol nestes dias ardentes do estio que começa vae afugentando do Rio os que fazem da arte de vestir uma das suas preoccupações religiosas.

Inicia-se o resplandecimento das estações de verão, das paragens serranas, cortadas de rios murmuros de aguas limpidas e frescas, plenas de bosques aromados e umbriferos, onde a alma póde sentir-se livre de peias e correr em busca de sonhos e onde o corpo póde repousar das canceiras de um anno e gosar a calma reconfortante da penumbra e do silencio entre arvoredos.

Da esquerda para a direita, senhoritas: Aurora Ribeiro, Armanda, Guiomar e Noemia Camara, gentis senhoritas cearenses, residentes em Fortaleza, apreciadoras do *Jornal das Moças*

* * *

Na Europa, nas estações de verão a elegancia manifesta-se no seu grão mais elevado e mais refinado.

Um espirito extrêmamente artistico deve presidir a escolha dos vestuarios leves de tecidos finos.

Entre nós, em algumas cidades de villegiatura, ha o máo vezo de usarem as elegantes roupas combinadas, como saias de côres berrantes, como o rubro e o verde vivo.

Não póde haver maior prova de máo gosto.

Para o nosso clima e notadamente para as cidades de verão, o vestuario simples é o melhor.

E' bem difficil ser elegante com um vestido de linho branco ou de crepe da China alvissimo; mas por isso mesmo uma *toilette* dessas põe em evidencia com muito mais facilidade a elegancia e a belleza natural de um corpo.

* * *

Os que veraneam nas cidades das terras brazileiras devem decretar guerra de morte ao vestuario escuro.

Nada como o vestuario simples e alegre para dar levesa aos movimentos de um corpo bem feito, possuidor de linhas perfeitas.

Imitemos nisto os europeus que conseguiram ser elegantes com simplicidade e que têm sobre nós, muitos seculos de civilisação artistica.

YVONNE.

NOTAS MUNDANAS

Anniversarios

Completou, no dia 6 do corrente, dezoito ridentes primaveras, a gentil senhorita Maria Emilia Urzedo Rocha, dilecta filha do abastado capitalista e negociante desta praça sr. Julio Urzedo Rocha.

Por este motivo realisou-se na sua aprazivel vivenda das Aguas Ferreas uma festa revestida de caracter intimo, que decorreu bastante animada, e para a qual muito contribuiu a proverbial gentilesa de mme. Joaquina Urzedo Rocha.

Para maior relevo desta festa familiar, a elegante senhorita Odette Duque Estrada cantou admiravelmente uma sentimental aria japonesa, havendo tambem monalogado com muito espirito e graça hilariante a menina Nair, interessante filhinha do conhecido advogado Cerqueira Lima.

No dia 23 deste mez transcorre o anniversario natalicio do nosso infatigavel e prezadissimo companheiro neste jornal, F. Pereira Junior a quem abraçamos antecipadamente, e fazemos votos para que as seguintes reproducções desta data sejam felizes.

Completa no proximo dia 23 do corrente, mais um anniversario natalicio o nosso companheiro de trabalho tenente Lopes Marinho, pelo que o cumprimentamos e felicitamos.

Baptisados

Realisou-se no dia 3 o baptisado da galante Dinéa Moreira, filha de d. Walkyria Chaves Mesquita e do sr. Manoel Moreira Mesquita.

Baptisou-se no dia 9 ás 9 1/2 horas, na egreja de N. S. do Amparo, em Cascadura, o interessante menino Armando, filho do sr. Ricardo Aznar Carneiro e de mme. Julia Carneiro, residente em Doutor Frontin.

Foram padrinhos o sr. Carlos Monteiro Ortiz e sua exma. esposa mme. Dolores Ortiz.

Casamentos

Realisou-se no dia 9 o enlace matrimonial de mlle. Clotilde Xavier Pires com o sr. João Macedo Portella,

---

No mesmo dia uniram-se pelos laços do hymeneu a gentil mlle. Aurora Velez, filha do fallecido engenheiro Miguel Vellez e de mme. Aurora Vellez com o sr. Luiz Dumans, filha do sr. Carlos Dumans e de mme. Clara Dumans.

Contrataram casamento o distincto medico dr. José da Silva Celestino e mlle. Lucia Ramos da Fonseca, gentilissima filha do saudoso primeiro escripturario da Estrada do Brazil pharmaceutico Jayme Ramos da Fonseca, e dilecta sobrinha do sr. almirante José Ramos da Fonseca.

Celebrou-se no dia 9 ás 10 1/2 horas da noite, o casamento da senhorinha Alice Dutra da Fonseca, filha

Mlle. Zilda Francisca Martins,
natural do Estado do Rio, que concluiu com brilhantismo o curso de sciencias juridicas e sociaes no Instituto Universitario desta capital.

do sr. dr. Joaquim Dutra da Fonseca, director da Repartição de Estatistica Commercial, com o sr. Gabriel Luiz Ferreira, thesoureiro da Inspectoria de Portos e Canaes.

Pic-nic

CARAVANA SMART — No dia 10 a elegante Caravana Smart realisou na pittoresca ilha de Paquetá um magnifico convescote.

Esta festa campestre, revestiu-se do maximo brilhantismo e animação.

A commissão organisadora deste pic-nic foi a seguinte : mmes. e mlles. Lucina Monteiro e Josephina Camisão de Mello e Armando da Silveira.

Notas academicas

Concluiu, com brilhantismo, o curso de sciencias juridicas e sociaes no Instituto Universitario desta capital, a distincta mlle. Zilda Martins, residente em Nictheroy.

Concluiu o curso medico na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro o joven Jeronymo Affonso Vianna Pires, irmão da senhorita Kediva Vianna Pires, collaboradora do *Jornal das Moças*, e ex-interno do Hospital de Isolamento de Nictheroy.

Em sessão solemne effectuada no dia 8 na Escola Livre de Odontologia do Rio de Janeiro, receberam o grão de cirurgiãs-dentistas as distinctas mlles. Olga Lindner de Iracema Gomes e Lincolnina Astréa de Iracema Gomes, filhas do sr. Iracema Gomes, advogado do nosso foro.

Em Bello Horizonte

Mlle. Annita Morandi, dilecta filha do sr. João Morandi, alumna distincta da Escola Normal e primorosa virtuose, que se fez ouvir recentemente no Theatro Municipal da capital mineira, com grande successo.

Costumes orientaes

AS hellenas não ficam por muito tempo solteiras. Tão depressa chegam á deliciosa phase da menina e moça, procuram avidamente os laços do hymeneu. Os desvelos maternos, o aconchego das aias, as multiplas superstições do evolucionismo carnal, são uns tantos phenomenos que se manifestam de um modo latente nas mulheres do Levante. As mães imploram ao céo para as filhas a belleza das Venus. Quasi todas as creanças trazem ao pescoço collares feitos com os dentes dos macacos e toda a sorte de amuletos para afugentar os bruxedos.

Assim que a menina principia a abominar a boneca, passa a ouvir da velha governante essas historietas aéreas, cuja narrativa as mais das vezes feita ao pé do fogão pelos domesticos, é o maior enlevo do quartel da meninice. E o espirito da creança como que desabrocha no mundo das cousas phantasticas.

As gregas em geral, são boas tecedeiras. No seculo de Mecenas as vestes eram feitas pelas autocratas no gyneceu. Suetonio affirma que as filhas de Augusto confeccionavam os tecidos usados por Octavio. Mas não era sómente entre as grandes damas que a arte do bastidor era praticada com carinho, como ainda entre as heteres.

Columelle lamenta que algumas mulheres se mostrem mais affeiçoadas ás delicias do mundanismo do que a vida operosa do serão. Em muitos mausoléos, na brancura das lapides, eram encontrados desenhos de bastidores. Quanto á instrucção necessaria a cultura do espirito, recebem os filhos dos abastados no gyneceu. Os burguezes fazem educar as creanças nas escolas publicas, onde o «magister» observando os rigorosos preceitos da disciplina, declama os modelos das duas litteraturas.

E', sem duvida, a um tal genero de escolastica que Ovidio faz menção em muitos dos versos dos «Tristes».

Muitas vezes as boas avósinhas lêm aos netos as sidéreas infantilidades de Virgilio, apesar dessas leituras lyricas serem feitas quasi sempre pelos mestres.

A musica e a dansa são as artes predilectas das jovens hellenas, como deixa Ovidio bem patente na sua deliciosa «Arte de Amar».

A dansa! Este assumpto tão familiar na idade média, que consiste em um cadenciado balanço de busto, seguido de graciosos movimentos dos braços, tem sido conservado pelas mulheres meridionaes. A nobreza do seu passo era uma das cousas mais apreciadas no seculo de Augusto.

Muitas gregas faziam uso dos instrumentos de cordas, reprovados como enervantes pelos juizes. A' frente das procissões iam sempre as virgens entoando psalmos, como nos funeraes de Octavio, em que esses canticos foram erguidos pelas filhas dos mais illustres vultos da Hollanda.

Horacio em uma das odes, faz allusão ao facto das vestaes entoarem nas festas processionaes os seus hymnos de adolescencia.

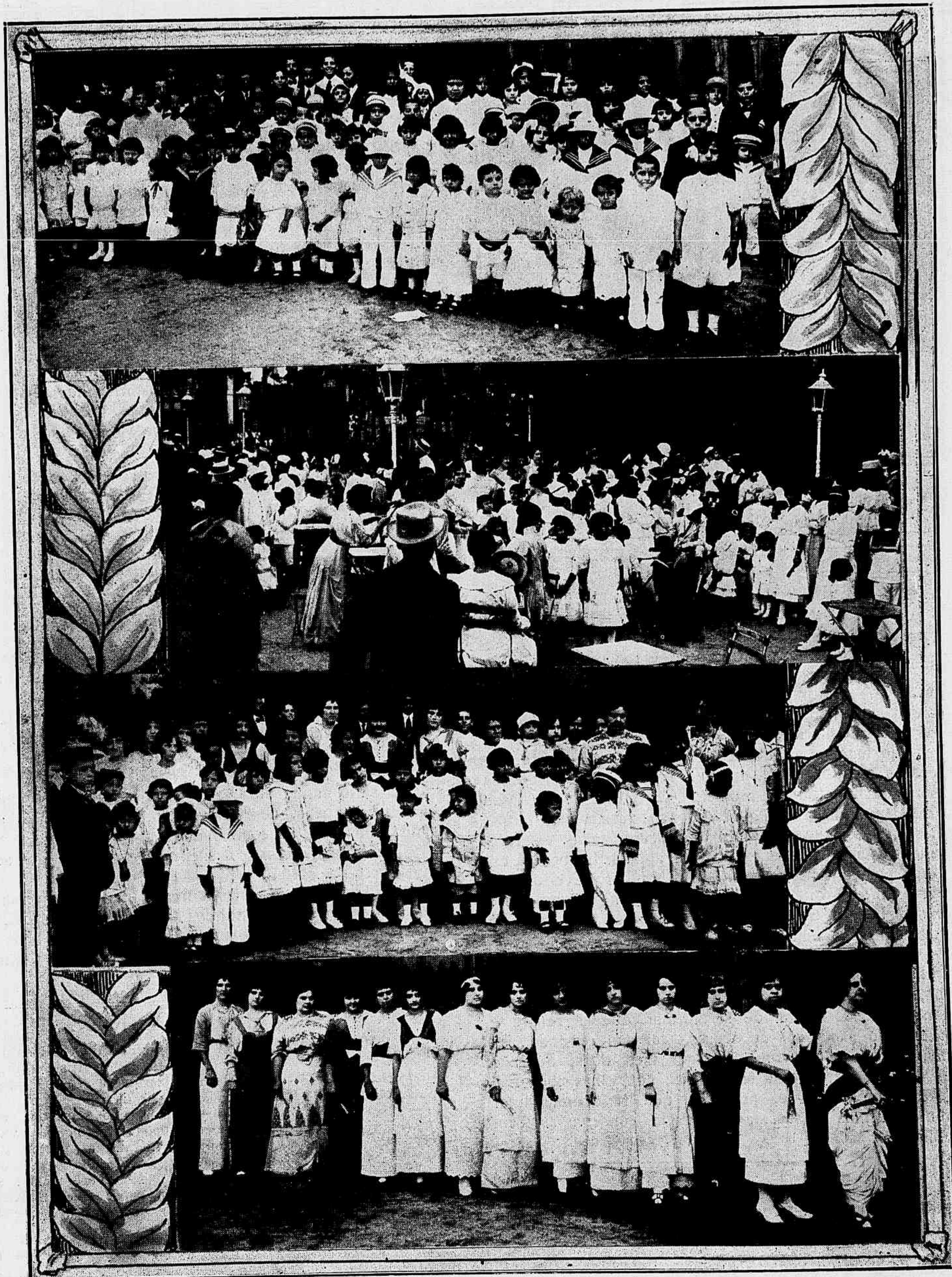
Muitas vezes as jovens hellenas punham em musica os cantos de Homero, as odes de Stacio e as balladas de Ovidio, sendo, nessa embaladora atmosphera de lyrismo que as creanças attingiam á nubilidade.

Aos doze annos chegavam á maioridade, tendo lugar o matrimonio dos treze aos dezesete, o que é patenteado em multiplas inscripções da época do paganismo.

HENRIQUETA.

Dois bohemios ceiavam uma noite, á meza d'um restaurant; o *menu* era modesto: pão, vinho e azeitonas.

Ficára uma ultima azeitona no prato e um d'elles, empunhando o garfo, quiz espetal-a por varias vezes; a azeitona fugia-lhe sempre. O outro, por sua vez, pega no garfo e, devagarinho, com todo o geito, espetou-a logo á primeira tentativa.

— Que grande admiração! diz o primeiro, depois d'ella estar cansada. . .

Festa infantil realizada no dia de Natal

Senhoritas Sibylla e Nydia Santos, Rachel Lopes, e Xandina de Souza

As artes da Mulher

DESDE tempo immemorial tem sido muito discutido qual a qualidade que mais convem ao homem na luta pela vida, porém no caso da mulher tem sempre havido uma só opinião sobre o assumpto. Toda a gente concorda que a mulher formosa é senhora do mundo e a que sahe mais victoriosa da luta é aquella que se serve com as armas da fascinação.

No mais profundo do coração do homem está gravada a idéa de que a mulher nasce para ser formosa e amada; comtudo, a mulher, cujo talento brilha nas artes femininas, comquanto o não possua para outras coisas, é invariavelmente a que alcança mais exito na vida. Aquella que se esforça por agradar tambem se esforça por conquistar e nenhuma mulher deve desprezar os meios que além de a ajudarem a conservar a a sua belleza e juventude lhes serve tambem para conseguirem a felicidade.

Mulher alguma deseja ver perdido o poder de attrahir e inspirar quem admire. Se descuida este detalhe, dá o primeiro passo para a falta d'encanto, frieza e negligencia. Apezar de se affirmar que a belleza e fascinação são dons de deuses, convem comtudo, aos mortaes que são favorecidos com taes dons, que não os deixem entregues a si proprios, nem lhes fugir das mãos. Convençam-se, pois, de que se querem lutar com as armas da fascinação, devem conserval-as bem brilhantes.

O patrão para o creado :

—Vá a casa do commendador, e pergunte se está melhor, se disserem que já morreu, saiba quando é o enterro.

O creado de volta :

A senhora do commendador manda dizer que elle não está peor e que por isso não sabe ainda quando é o enterro.

Os tres véos de Maria

O primeiro véo de Maria era de linho mais alvo que a neve.

Bordara-o com suas proprias mãos, e ornava uma grinalda de flôres de seda, tão bem imitadas, que as abelhas, illudidas, vinham pousar-lhe em cima. Este véo branco só o trouxe uma vez, no dia de sua communhão.

O segundo véo de Maria era de lã negra.

Principiou no mesmo dia em que sua mãe lhe morrera, deixando-a sosinha, sem amparo na casa abandonada.

Era bordado de perpetuas roxas como as dos sepulchros de marmore e os olhos de Maria tinham-no orvalhado com todas as suas lagrimas.

O véo negro só o trouxe uma vez, no dia em que se tornou esposa de Jesus.

O terceiro véo era feito de um retalho de azul celeste, bordado de estrellas e perfumados com aromas suavissimos.

Foi o anjo da guarda quem lh'o deu, no mesmo dia que ella entrou no paraizo.

GUERRA JUNQUEIRA.

SERENATA

Céo pardacento e sombrio, onde se estende um luar esbranquiçado e triste.

Horas nocturnas, Geme ao longe uma serenata. São os bohemios que se divertem ao som maguado do violão que chora em accordes lamentosos. . .

Eu escuto e medito.

E sinto nalma uma saudade ignota. . . Meu coração parece que se desperta de um sonho morto, arfando em pulsações commovidas. . .

A serenata accorda o silencio, encantando o seio mysterioso da noite.

Em languidos desmaios, a minha imaginação absorta recorda-se da quadra gentil dos meus amores antigos. . .

E a saudade — monja pallida que habita hoje a ermida abandonada do meu peito, soluça sobre o tumulo das illusões que morreram. . .

Ingenuidade

Um dia antes do casamento a noiva está muito triste com a idéa de separar-se de seus páes. Sua mãe lhe diz :

— Vamos, não sejas tola, em pouco tempo te acostumarás a vida conjugal. Eu tambem já passei por isso.

— Sim. Mas você mamã, se casou com papae e eu me caso com um moço que nem ao menos é da familia...

O sr. Hermes Jurema de Almeida, do *Correio da Manhã*, onde ha longos annos conta com a amizade e consideração dos seus companheiros, contractou casamento com a senhorita Maria de Almeida Pereira, filha do sr. João Ignacio Pereira.

Instruir Deleitando

PROMETHEU

PROMETHEU é uma entidade mythologica. Foi um individuo que tendo feito umas figuras de barro, quiz depois animal-as, isto é, quiz transformal-as em creaturas viventes, e para isso roubou fogo do céo e lhes deu vida.

Jupiter que era o deus omnipotente, o deus do céo e da terra, como castigo, o acorrentou em uma rocha onde todos os dias ia uma aguia devorar-lhe o figado.

E Prometheu só poderia morrer, seu soffrimento só poderia findar quando a aguia lhe tivesse devorado todo o figado.

Mas, cousa extraordinaria! — quanto mais a aguia comia, mais a vicera se avolumava! E esse soffrimento durou seculos e dezenas de seculos. Até que um dia Hercules, apiedando-se do desgraçado, partiu as correntes, e uma vez liberto, Prometheu succumbiu e o seu castigo findou.

Quando dizemos, pois, que a nossa vida é uma existencia de Prometheu, queremos dizer com isso que ella é cheia de soffrimentos que não findam nunca ou que parecem estender-se por um tempo que não tem fim.

Foi alludindo a essa historia mythologica, que Castro Alves, o poeta de estro arrebatador, poz na bocca da Africa estes versos dirigidos á Divindade, que se mostrava tão pouco misericordiosa para com o seu soffrimento:

« Qual Prometheu tu me amarraste um dia
Do deserto na rubra penedia
Infinito galé . . . »

VIRAR A CASACA

VIRAR A CASACA, é mudar de opinião; é ser voluvel em suas promesas, não respeitando o compromisso da palavra dada. Isso nós vemos todos os dias entre os homens de responsabilidade, entre os homens politicos. No emtanto, dizem que somos nós, as moças, as creaturas mais voluveis, quando somos, apenas as victimas da nossa fidelidade tão mal comprehendida e tão mal empregada.

A origem dessa phrase encontramol-a no começo das guerras da reforma em que os catholicos e os protestantes usavam casacos de côr differente. Quando um delles queria passar para o campo opposto, tinha o cuidado de virar o casaco para o avesso, que era sempre da côr do do outro partido, e assim era recebido nos postos avançados, não como inimigo, mas como alliado. Era um acto de deserção por certo muito commodo, muito facil e que dispensava juramentos de fidelidade.

MLLE. MIMI.

Mme. Maria de Lourdes Chaves, esposa do dr. Carolino Chaves

SIM OU NÃO

A' Santa

Amo-te doidamente!
Aos teus ouvidos digo-te em segredo,
Pois esse amôr ardente
De o confessar, confesso, tenho medo.

Talvez indecisão . . .
Receio que a zombar de meu amôr,
Dês-me de chofre um não
Cravando-me no peito acerba dôr.

Dize-me, o coração,
Se sou ou se não sou correspondido!
Se me deres um não,
Te offertarei meu peito dolorido.

Mas tu terás emfim,
A minha propria vida. Que ventura!
Se disseres que sim!
O' Deus bondoso, ó anjo de candura!

VALENTIM MAGALHÃES.

Realengo, Rio.

Christo disse aos apostolos: Ensinae a todas as gentes! Mas disse ás mulheres: Amae a todas as gentes! O amor é sempre bello: mas só é grande quando soffre, perdoa, ou tem saudades.

Senhorita Gehilda Andrada
distincta amadora de bellas artes, alumna do professor Carlos Reis

As andorinhas

A' Antonica. . .

SABES ? . . . Eu gosto muito das andorinhas ! . . . Sempre que as vejo voejar, roçando levemente as aguas bonançosas dos rios de puro cristal, pasmo da agilidade d'aquellas asitas, que, em verdadeiros zig-zagues, abaixam-se e levantam-se, num eterno vai-vem. . .

Mas, quando a noite desce, envolvendo a natureza, em nuvens escuras, ellas ao esconderem-se nas beiras de nossas casas soltam uns pios tão lancinantes e parecem tão tristes que, por largas horas, num profundo abatimento de espiritos, fico a scismar naquellas queixas tão sentidas, que cortão o coração.

E' que a mythologia atribuiu-lhes uma historia horrivel ! . . .

Ei-la :

Thezeo vivia completamente feliz, em companhia de Progne, a meiga e linda esposa, terno até ao extremo, amante até ao delirio. . .

Nada parecia empanar a alegria daquelle casal que lá, ao longe, num castello alto, muito alto, perto das nuvens, reclinado á beira mar, gosava ainda as delicias do noivado.

O céo sempre propicio, encantado de tanto amôr, n'uma risonha tarde de primavera, enviara-lhe, um filho, bello como as flores, ao desabrochar, abençoado pelas fadas e que era todo o seu enlevo.

Um dia, porém, num banquete, dado em honra dos deuses, pelo seu primeiro Thezeo viu Philomela, irmã de sua esposa.

Ficou loucamente apaixonado. . . E, no baile, após as continuadas libações que o estonteavam, atreveu-se a pedir o amor daquella mulher tão bella, como virtuosa.

Philomela, descendente de uma raça altiva e nobre, repelliu nobremente a infame proposta e Thezeo, que a principio, deante daquella mulher extraordinaria, num terno anceio, se tinha rojado a seus pés, ao vêr para sempre frustrados os infames planos, de manso cordeiro, tornou-se a féra selvagem e brutal.

As occultas, quando a lua merencoria, dardejava os raios morticos nos gotticos vitraes, foi ter com Philomela, que na sua alcôva, dormia, sonhando amor, arrastou-a para os frios marmores do castello e, protegido pelas trevas, consummou o crime.

Depois, aguilhoado pelo remorso torturante, não querendo que ninguem suspeitasse de tamanha perfidia, aquelle homem tres vezes cruel, cortou a lingua de sua amante.

Philomela, lavada em lagrimas, sem poder soltar um ai, nem um grito, morria lentamente, cruciada por aguda dôr.

De repente teve uma inspiração. . .

Num lenço bordou tudo quanto Thezeo lhe tinha feito. . . as minudencias do horrivel crime. . . o trama diabolico.

Depois lançou-o pela janella do carcere, Progne, aquella hora do entardecer, passeiava nos jardins do palacio, coberto de cravos rosas e jasmins.

Casualmente pegou no lenço que o vento impellia a seus pés e ficou horrorisada.

Comprehendeu tudo e infernal vingança lhe assaltou a mente.

Ao seu grito de revolta, reuniu-se um longo exercito de matronas que, emquanto Thezeo, em loucas correrias pelas relvas, atraz do veado, fingia entregar-se ás delicias da caça, foram ao carcere em que gemia Philomela e a libertaram, num arranco de feroz desforra.

Mas não ficou por aqui.

Elo sabia que Thezeo amava perdidamente seu filho Ithis.

Com um sangue frio extraordinario, que faria tremer o insensivel, Progne, cujos extremos do amôr maternal todos conheciam, pegou num punhal e cravou-o no corpo terno do infante, que depois de morto, parecia sorrir.

Thezeo que tudo ignorava, sentado agora á mesa, comia com sofreguidão os membros de seu filhos, que sua mulher lhe ministrava, em pequeninas porções, como se fossem gostosas iguarias.

Depois do macabro repasto, a um signal convencionado, Progne acompanhada do esquadrão feminino, apresentou, com gargalhadas e esgares de louca a cabeça de Ithis.

Thezeo quiz immediatamente estrangulal-a mas neste momento, os deuses, cansados de tantas perversidades transformaram Thezeo em gavião, Philomela em rouxinol, Ithis em faisão e Progne em andorinha.

Por isso meu querido amiguinho, que tens uma alma sentimentalista e boa, sempre que vires uma andorinha voejar por sobre a tua casa não a repillas, porque ella coitadita, vestida de luto, de asas tintas de sangue, chora, sem cessar, talvez eternamente a morte do seu filho Ithis que tanto e tanto amava.

ANTONIO CRAVO.

Rio—8—12—914.

Quando passas febril, a sorrir tristemente,
Nesse riso ideal que na bocca te corre,
Me apparentas, te juro, o suspiro dolente
De uma flor que emmurchesse, uma rosa que morre...

A tristeza que existe em teus olhos me fala
No mais intimo d'alma, onde eu guardo o contraste
De teu negro cabello e teu rosto de opala,
E a tristeza ainda diz o que nunca falaste.

Eu sinto é que tão cedo a morte em ti desabe,
Tão moça que tu és e vaes por um deslise,
Quando um dia, a sonhar, despertares — quem sabe? —
Sob o golpe fatal de sangrenta hemoptise.

E passas innocente, a sorrir innocente
Nesse riso ideal que na bocca te corre...
Me apparentas, te juro, o suspiro dolente
De uma flor que emmurchesse, uma rosa que morre...

E te vaes a sorrir sem saber que te quero...
Só por esta razão, a minh'alma se embuça
Num martyrio fatal de um supplicio severo,
De uma angustia sem fim, e soluça... Soluça

Em esse soluçar que a nossa voz embarga,
Extingue, convulsiona, e a prende numa gaze.
Não queiras tu passar, por esta quadra amarga
Em que nosso viver depende de uma phrase!...

Muito te quero, muito, e soffro muito mais
Si ás vezes te não vejo ao menos por alento,
Emtanto, si distingo o teu perfil audaz,
Eu sinto dentro em mim maior o soffrimento!

Maior, porque tu vens indifferente e fria,
Trazer-me á bocca, o fel, na esponja de teu riso;
E fazes-me bebel-o humilde, na agonia
De ser eternamente um Ser mais que indeciso!

Maior, porque tu vens, a duvida, o desgosto,
A dor, a magua emfim, trazer-me incombalida
E fazes com que role ardendo no meu rosto,
Um pranto que jámais tu verterás na vida...

E amo-te, entretanto... o meu amor é grande...
Maior que a indifferença, ó sim, muito maior!
Tu és a estrella oval que muita luz expande,
Eu, sou, astro sem luz que gira em teu redór.

As noites quando logro em sonhos, — ó demencia!
Ouvir a tua voz maviosa que me diz
Num doce segredar, mesclada de dolencia,
«A minha bocca tens... sou tua... sou feliz.»
Rebenta-me em cachões o pranto que se evola;
E acordo, sem querer, do sonho, a soluçar.
O pranto desabafa, o pranto nos consola,
E a alegria tambem faz a gente chorar...

Porém, hontem te vi mais triste do que outr'ora...
Mais pallida e febril, mais só que os outros dias...
Na mesma magua atroz que no teu peito mora,
Na mesma magua immensa e triste ainda sorrias...

Calcula quanta dor, ó minha pobre amada!
Nesse instante senti desta alma nos refolhos!
Julguei que nunca mais veria a madrugada,
Brumosa, a se espalhar nos globos de teus olhos...

Calcula quanta dor, dentro em minh'alma existe,
E quanta no meu peito a penetrar, adunca,
Passaste a me sorrir, tão magra, triste... triste...
Julguei que nunca mais eu te veria, nunca...

Cruel soffrer o meu! Amar occultamente
Uns olhos... um perfil... uma tysica emfim!
Sentir meu ideal findar-se lentamente
Sem podel-o salvar, tendo-o perto de mim...

Nem sabes que te quero... e nunca o saberás...
Porém no meu silencio angustioso e rude,
Desfibro uma por uma as illusões fataes,
Por sobre o esquife azul da minha juventude...

A ti sómente amei. Foi meu amor tristonho.
E desde esse momento, o coração aflicto,
Eu trago indifferente a qualquer outro sonho,
Na bruta inanição de um bloco de granito!

O meu maior desgosto, eu juro, só consiste
Em não morrer tambem... pois tu — destino fero! —
Talvez mesmo amanhã, pallida... triste... triste...
Morrerás... morrerás... sem saber que te quero...

HOMERO PINHO.

Senhorita Maria Augusta, constante leitora do Jornal das Moças

PHRYNÉA

A formosa grega fôra tomada para modelo das angelicas estatuas de Praxitéles. O inspirado artista cinzelara-lhe dois bustos: um em marmore e outro em bronze, tendo sido o ultimo collocado no templo da deusa entre as mascaras de dois monarchas.

Parece a «Venus de Medicis», outra não era, senão o marmore divino no qual o esculptor talhara a correzã em pleno desbrochar da formosura.

Eram tão apuradas as curvas dos seus contornos, que os mais primorosos modelos da arte grega, não lhe levavam a palma na perfeição.

A juvenil hellena não frequentava os banhos publicos, para furtar-se aos olhares lascivos da curiosidade mundana. Certa vez, nos festins de Neptuno, fôra, como a Venus da lenda, beijada pelas ondas do mar. Quando caminhava pela praia, escondendo os humidos cabellos nas malhas de uma coifa á moda dos povos orientaes — sublime carnação que só encontrara uma émula em Lais, exposta aos olhares dos peregrinos, fôra tomada por Apelles para o modelo de um dos mais vaporosos dos seus quadros.

Quando accusada de impiedade comparece á barra do tribunal dos heliastas, é salva por um recurso de Hyperidos, que em um assomo rapido, imprevisto, ordena seja erguido o «peplum» que velava a impeccabilidade das linhas de sua cliente, expondo aos olhares febris do auditorio a provocante nudez das suas linhas.

Em face dos castiços contornos, que electrisaram a palheta e o cinzel dos mais famosos artistas, empolgados por uma commoção religiosa, os magistrados não assentem que os rigores da sentença pairem na imagem da rainha das deusas.

HENRIQUETA.

PARTINDO...

Ao Chiquinho.

NÃO sei como definir o sentimento dolente que me lacera o coração, ao sentir que se approxima o instante em que devo partir.

Talvez saudade, mas saudade antecipada, presentida, saudade porque tenho a sensação do «acridoce pungir do acerbo espinho» de que nos fala o poeta.

Esse sentimento é gerado de um outro sentimento, nobre, elevado, sublime mesmo, que souberam inspirar-me e que não tenho a ventura inegualavel de saber se é correspondido. Vem desse affecto grandiloquo que devoto a alguem, affecto que é o meu enlevo, alguem que para mim é tudo!

Sem esse alguem, tudo para mim é nada; não tenho prazeres nem alegrias, diviso tudo através um véo pesado de tristeza. Só me sorri, por entre as lagrimas da saudade acerba, a imagem querida que trago gravada no adyto de minh'alma.

Mas talvez o egoismo feroz desse alguem ainda o leve a lamentar-se e a maldizer o amor como se cego fôra ao meu soffrer latente.

Ingrato, voluvel, egoista e insensivel, como o são em geral os do seu sexo, embora — o meu amor ha de triumphar de sua maldade.

E esse triumpho será o premio dos meus soluços, da dôr que vezes muitas me agrilhoa a alma, das maguas amargas que terei soffrido, das minhas lagrimas que, em interminavel rosario terei desfiado, como desfiarei no momento em que o comboio, silvando, ruidoso, envolto numa nuvem densa de fumo, célere correr, vertiginoso, através os campos que uma vegetação luxuriante recobre e que os raios vividos do sol matinal douram, levando-me para muito longe, onde do meu amor terei apenas a recordação e a saudade...

ARLETTE SEBLANE.

DESESPERO

Que desgosto, meu Deus, da minha vida
Eu tenho, eu sinto, e já neste momento
Tudo me invade: o tédio, o soffrimento,
Crime e sangue, vingança, triste lida!...

Inspirai-me ó Sol-Luz, um pensamento,
Illuminai-me agora nesta ermida
De minha alma que, está triste, abatida
De ouvir tantos gemidos que eu lamento!...

Sondo os arcanos do meu coração,
Do triste coração que já não vive
Para o mundo, este mundo de illusão!...

Do coração amigo, a alma revive
Envolta em crepe de cruel paixão,
Segregando-me ao ouvido: — E's crente — vive!...

EURETES G. DE RAMOS

CANTIGAS

A gente a amar principia
A's vezes, sem ter vontade,
E a brincadeira de um dia
Dura toda a eternidade!

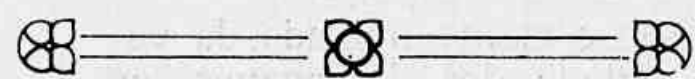
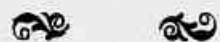
Aquella, por quem, penando,
Meu coração se consome,
Ouve os meus males, cantando,
Talvez nem saiba o meu nome!

Até o vento se cansa
De convulsionar os mares:
Tempestades sem bonança,
Só na luz dos teus olhares.

Dizem que és boa. . . acredito,
Mas fico meditativo:
Ao meu coração aflicto
Porque não dás lenitivo?

Vem do amor enfermidade
Que elle proprio nos socorre;
Mas, quando chega a saudade,
Só se salva quem não morre.

Coração, padeces tanto,
Que a chorar tambem me obrigas,
Em vez de muzica, o pranto. . .
Pobres das minhas cantigas!

TRANCREDO COUTINHO

Pode avaliar-se o caracter das pessoas pela maneira porque tratam os animaes domesticos proprios ou alheios.

Ignorancia e preguiça a ninguem enriquecem.

Mlle. Annita Paranhos

Correspondencia do "Jornal das Moças"

ALMIR DOMINGUES — Recebemos os seus trabalhos, ficam esperando opportunidade, menos a «Philosophia do frack» por ser demasiado mordaz e zombeteiro...

ARLINDO MARIZ GARCIA — Somos muito gratos aos seus generosos e animadores conceitos e contamos com o seu precioso concurso para a prosperidade desta modesta Revista.

LOHENGRIN OARGO — Os fragmentos de uma carta, *Ao amanhecer*, mostram que o amigo não é um neophito nas pugnas literarias, mas não publicamos porque contem uns dois periodos que destoam da nossa norma . . .

Aramis, Avellar Vieira, Antonio Dantas Bittencourt, J. P., A. J. Teixeira, Itagon, Marinha, Personne, Arminda, Bartholomeu de Rago, Marilia Bittencourt, Oromar de Castilho, Alzira Moreira, Eduardo J. Miranda, A. C. Mattos, Aprigio Rollo Filho, Magalhães Junior e Alzira Leal. — Os seus trabalhos ficam aguardando espaço e serão publicados na primeira opportunidade.

FLOR DE MAIO — Tem geito e deve aperfeiçoar o seu estylo e estudar um pouco de grammatica e depois, volte, que estamos aqui para attendel-a.

«A minha felicidade» será publicada com alguns retoques, se nos dá licença para tanto...

EVA CARBO' — Recebemos, estamos receiosos de que não fique boa a reproducção do retrato; si tivesse outra prova mais clara e nitida nós prefeririamos. O postal sairá.

TASSO DE OLIVEIRA — Dos seus sonetos, «Amor infeliz», serve e sairá publicado, provavelmente no proximo numero.

O namoro nada mais é do que a semente do amor plantada no fertil terreno de uma sympathia reciproca,

Belkiss Chaves, intélligente e dilecta filhinha do capitão, dr. Carolino Chaves, engenheiro militar

... E

A Adelino Magalhães.

E, sonhei-me um Condor, de azas fortes e garras,
Pelos élos do amor acorrentado á Terra,
Mantendo o coração, que esse meu peito encerra,
Numa aurora de fogo em mutações bizarras;

E, estalavam de sons gargantas de cigarras,
Ao longe, á beira azul do mar, na verde serra,
Emquanto que me fui, sentindo interna guerra,
Libertado por fim despedaçando amarras;

E, arrebatado e só, sem minimos ensaios,
Meio louco parti, de alma de ancias contida,
A' patria do arrebol, que a Inspiração conduz;

E, ao clamor sideral, entre nuvens e raios,
Num esforço brutal de musculos e vida,
Arrojei-me no Sol para morrer na Luz!

Rio, 1914.

GALBA DE PAIVA.

A «toilette» é a cozinha da belleza. A mulher leva a imaginar todos os dias regalos novos para os encantos, qne ella tem de servir á noite á admiração esfaimada dos olhares.

SONHOS

A' Melle. Iracema Dutra.

Como é ameno passear em um jardim florido, onde, sob um sol radioso e brilhante, em manhã de céo azul esplendoroso, as flores desabrocham delicadamente!

E aos raios do sol que singra garbosamente a immensidão do azul, as gotticulas de orvalho, que no reconcavo das petalas polychromas se acham engastadas, brilham cheias de uma poetica magia, qual estrellinhas tremeluzentes.

E não ha alma de poeta ou sonhador que deixe de admirar o encanto natural desse espectaculo soberbo, em que o conjunto admiravel que a natureza faz de suas bellezas nos extasia...

*

A' tarde, porém, ao cahir do sol, quando desaba do occidente nublado o furacão violento, que magoa intensa nos vem opprimir o coração, vendo as pobres florinhas arrancadas de seus hastis e as suas petalas evolarem-se pelo espaço, arrastadas pelo vento, não podendo mais formar o conjunto harmonico que era a flor, e indo morrer alem, desprovidas de seiva, emurchecidas, sem mais as côres vistosas que as ornavam!...

O aspecto do jardim, após a ventania, nos deixa entristecidos; e as plantas desgalhadas, de ramos nús, sem flores, parecem compungidas, chorando amargamente.

*

Tambem a mocidade tem a sua belleza, as suas flores, o seu encanto... Os sonhos, as illusões roseas dessa idade rebrilham no céo de nossa existencia, dando ephemeras alegrias á nossa alma sonhadora. Como aos olhos de todos essa quadra risonha da vida apparece esplendorosa e poetica!

E mais tarde, quando sob o manto nublado da velhice, irrompe furibunda a nortada dos desenganos, as nossas illusões, quaes petalas de flores, são levadas pelo espaço alem, para nunca mais virem florir o jardim de nossa vida, cujo aspecto doloroso e triste compunge nossa alma...

Rio 1-IX-914.

ZIUL.

SONETOS

RUY BARBOSA

Astro bemdito! Estrella grandiosa!
Paladino da nossa integridade!
Sublime mestre, egregio Ruy Barbosa,
Defensor da razão, da liberdade.

Ditaste leis a toda a humanidade
Alma de luz, ardente e luminosa.
Duma raça, a maior mentalidade,
Dum genio, a encarnação mais vigorosa

A mais justa grandeza do passado;
A mais nobre esperança do futuro;
No presente — por nós idolatrado!...

Tu conquistaste a gloria merecida
E eu, beijando-te as mãos, ó! vulto puro!
Beijo a face da patria extremecida.

MATTOS GOMES.

MISSIVA

A senhorita Isbela

A tua carta linda e perfumosa
Escripta a geito, escripta de mansinho
Parece uma cantiga melodiosa
De uma ave entrada de regresso ao ninho;

A tua carta pura e deleitosa
Ebria de amor e farta de carinho,
Trescala como uma orvalhada rosa
Que eu vi aberta em meio do caminho...

Lendo-a, flôr, emmudeço recordando
A tua doce e angelical figura
Que já não vejo desde não sei quando.

E, morrerei, amaldiçoando o fado,
No dia em que, de tão gentil leitura
Por um momento só eu fôr privado!...

ARCHIMIMO CAIO.

CRUEL

A F. V. de P.

Dizes que te não amo, que te minto
Quando em amor te falo, e no emtanto
Bem vês o quanto soffro, o quanto sinto
Por causa desse amor tão puro e santo!...

Do futuro inditoso, eu já presinto
Envolver a minh'alma em negro manto...
E tu, que vês no meu olhar extincto
O recente vestigio de meu pranto,

Dizes que te não amo, que é perjuro
O meu amor sincero, amor ardente,
O meu profundo amor tão vero e puro?

Tu, sim, que me não amas!... No presente
Torturas a minh'alma... e o futuro,
Sorrindo... me annuncias cruelmente!...

ESTRELLA D'ALVA.

AMOR

Ao Heitor.

Amor! palavra sublime!
Encantadora vizão!
Amor! palavra que exprime!
Venturas de um coração!

O amor só nos traz venturas,
Quando ha sinceridode!
Só assim será completa,
A nossa felicidade!

E' bella a palavra amar!
E' doce consolação,
P'ra quem vive a suspirar!

Palavra tão graciosa!
Que embala meu coração,
Fazendo-me tão ditosa!

JULIETA GRANADO.

SONETO

Meu coração, o cofre albirosado
Onde eu guardava as illusões, querida,
De ver-me um dia alegre e descuidado,
A desfructar os sonhos desta vida;

De vel-o, o coração, pulsar ao lado
Do teu, de santa, delicado e puro,
Recordando, feliz, o meu passado,
Vendo risonha a aurora do futuro;

Partiu-se todo no infeliz transporte
E, em vez de santas illusões de outr'ora,
Vive a chorar de dor e de saudade,

Sem ter um rosto amigo que o conforte,
Um rosto amigo como o teu, Dinora,
Que me conforte nesta soledade!

BAPTISTA CAVALCANTI.

SEMPRE ELLA

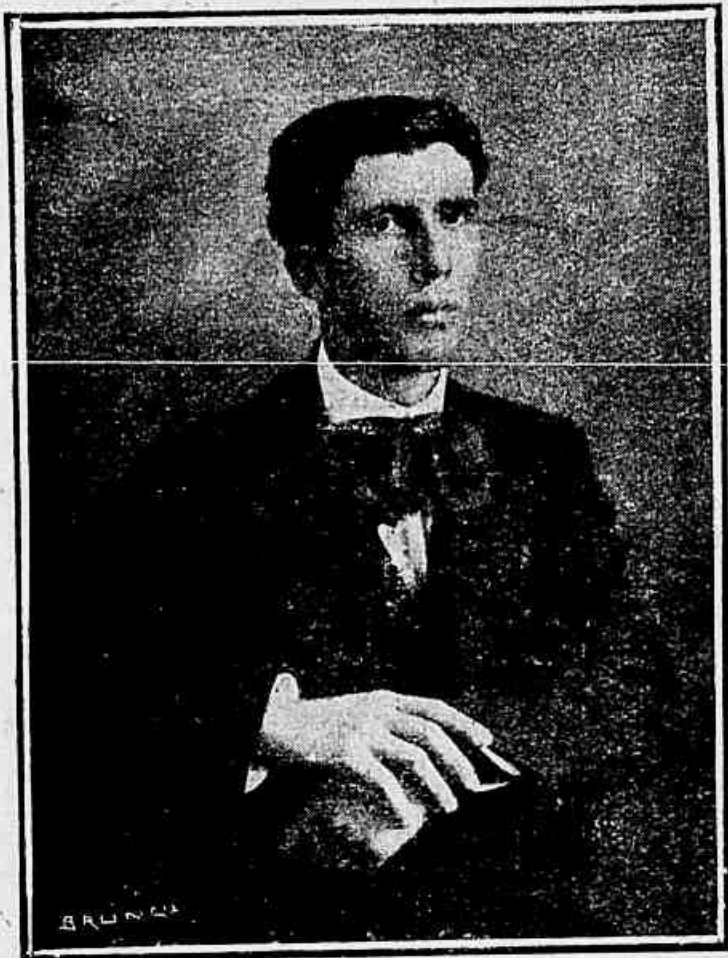
Ao illustre critico Dr. Cabuhy Pitangu do «O Malho.»

Homem não ha um só que não lamente,
Vendo-me agora, transtornado e afflicto,
Que não me teuha aconselhado e dito
Que é preciso esquecel-a totalmente!

Todos elles avisam-me: detem-te,
Medita um pouco, vê como é maldicto
O terreno em que pisas, e eu medito
E sou forçado a rir-me de tal gente.

Falem como quizerem: pois, comquanto
A minha ruina por ahi propalem,
Todos me veem feliz sempre a seu lado.

Mas, ah! se essa mulher que adoro tanto,
Nunca me teve amor! ah! não me falem,
Ai! não me digam que não sou amado!

S. THIAGO ALVES.

Armando Verçoza, nosso collaborador

Nair Sandim

A Raymundo Djalma dos Santos.

Só!...

Longe dos teus carinhos e dos teus olhares de santa, lembrando tristemente o ephemero passado, a minha vida não passa, sinão, de um mar eterno e infindo de pranto!...

Ao evocar merencoreamente os meus mais aureolosos e resplandescentes dias, as minhas mais remotas e alvorescentes esperanças, sinto dentro do peito chorar copiosamente e amarguradamente, o abandonado e desolado coração, victima innocente, desta assassina e degradante separação!...

As tuas juras, todas mentirosas, fulgorosas e mitigantes, me fazem, desgraçado, maldizer a sorte, afastando-me perversamente e monstruosamente, do caminho do Bem, do Amor e da Felicidade!...

Só!...

Só... e com a tua imagem casta e pura por companheira illusoria, eu vou trilhando resignadamente a estrada da Desdita, repleta de agruras e de abrolhos, pensando no fim da infausta e iniqua jornada, encontrar alegremente, a bôa, humanitaria e justiceira Parca!...

Não posso te esquecer!... oh! se te esquecer tento, mais te sinto constante e divina em todo o meu Sêr, mais te sinto seductora e explendorosa em todo o meu pensamento!!!

Que perfida realidade!... Que execrando destino!...

E um dia, quando leres estas melancholicas linhas, guarda-as no seio perfumoso e amado, como lembrança de um amor eterno e desgraçado, e, nunca mais te esqueças de quem te amou eternamente, apaixonadamente, pois, talvez, a estas horas, nas agonias febricitantes da morte, abandonado e desolado dos seus amigos, estejas allucinadamente implorando a tua santissima presença em dores horrificas e agudas, sentindo a luz irradiosa do teu bemdito e humilde olhar!...

OLIVIO DE SERSATO

Realengo, Rio.

SCISMAS...

Ao recordar o dia 22-2-914.

E' á hora do crepusculo que eu fico a recordar uma felicidade extincta...

Uma ventura que surgiu povoando o coração de sonhos e esperanças, e que depois desappareceu para não mais voltar...

E' ao planger dos sinos, quando entoam o Angelus, que sinto as saudades recrudescerem e as lagrimas jorrarem impetuosas, emquanto o coração a palpitar e a gemer... e a gemer e a palpitar... pergunta-me:

—Onde estão aquelles sonhos que me fizeste idealisar!?

Aquellas alegrias outr'ora disseminadas pelas minhas fibras, como gottas de orvalho sobre petalas de rosa?

E eu lhe respondo:

—Acalma-te, coração, não palpites assim...

Voltará a tua felicidade quando eu inerte, morta, tiver sobre meu corpo um turbilhão de rosas...

Sim, porque ellas, nesse dia, não adornam mais um coração que soffre, porém, um coração feliz muito feliz... porque, deixando de pulsar, deixou de soffrer!...

LUCYLITA.

MARCHA PATRIOTICA

MUSICA E VERSOS DE

Adelina Savard de Saint Brisson

Cheios de nobre orgulho
partamos para a guerra
para elevar bem alto:
as glorias desta terra.

Sem tregoas combatamos
Pelo Brazil amado !
Defendendo com ardor
Seu solo indolatrado !

Soldados !... para a frente !
Marchamos sem temor
A defender a patria,
Que amamos com fervor !

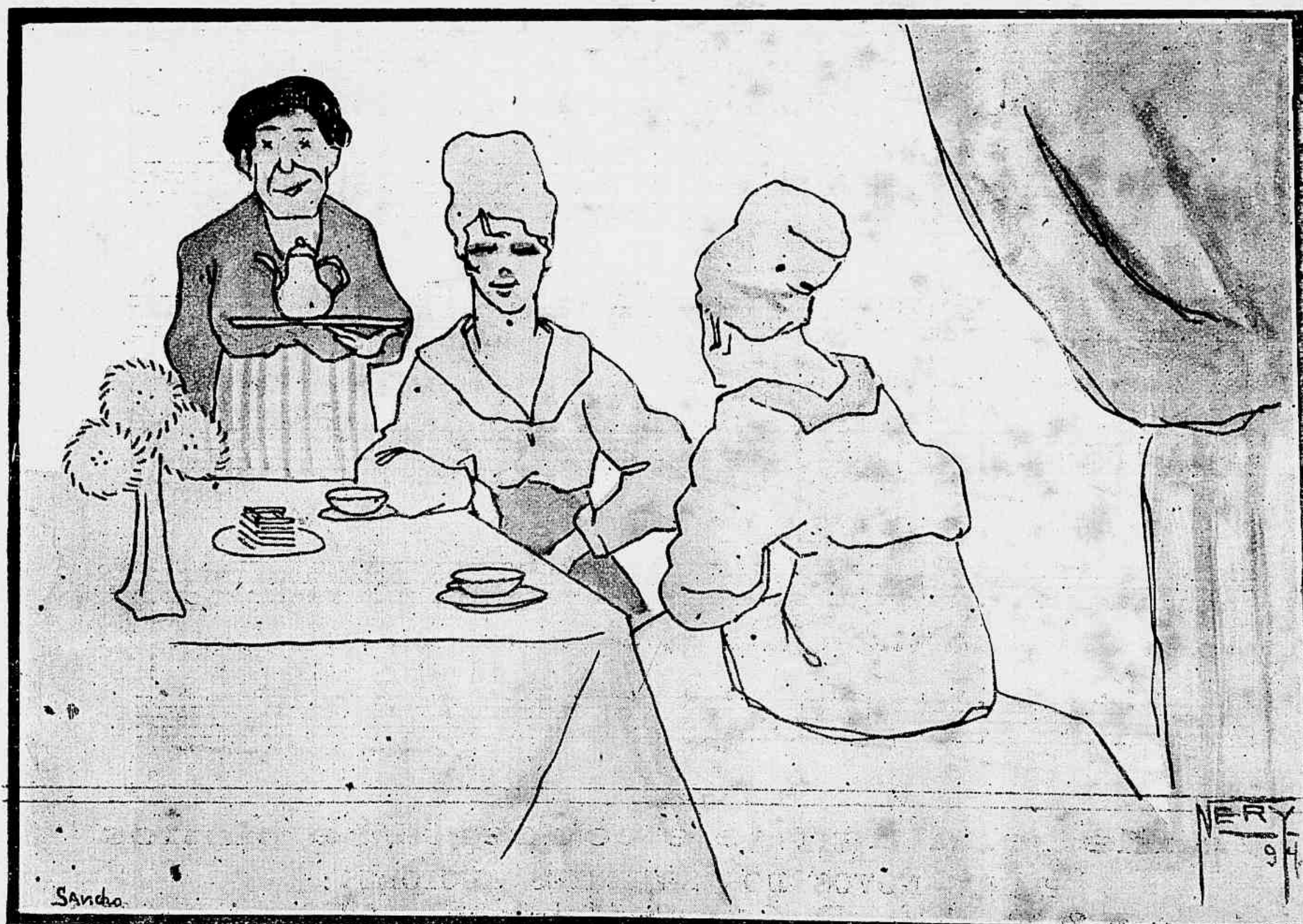
Saudemos com respeito :
esta altiva bandeira,
que é o symbolo sagrado
da patria brazileira !

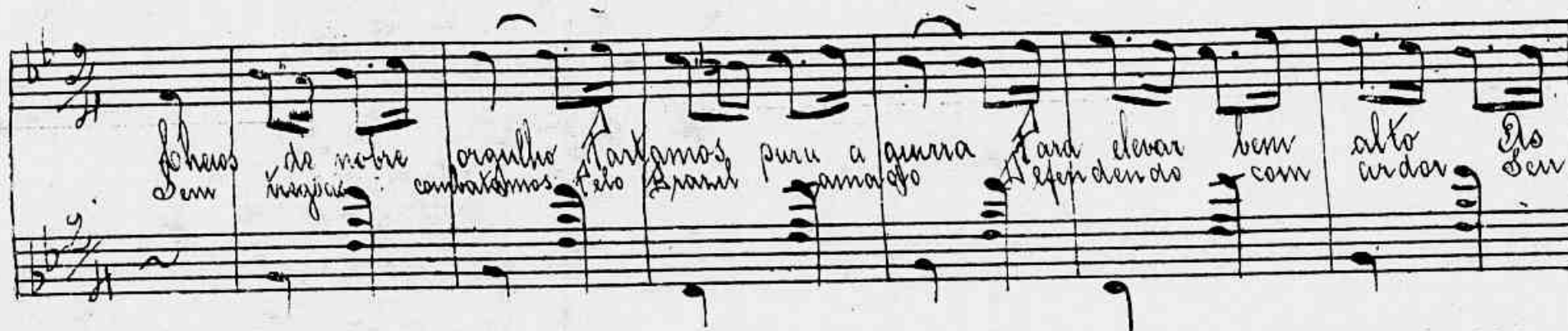
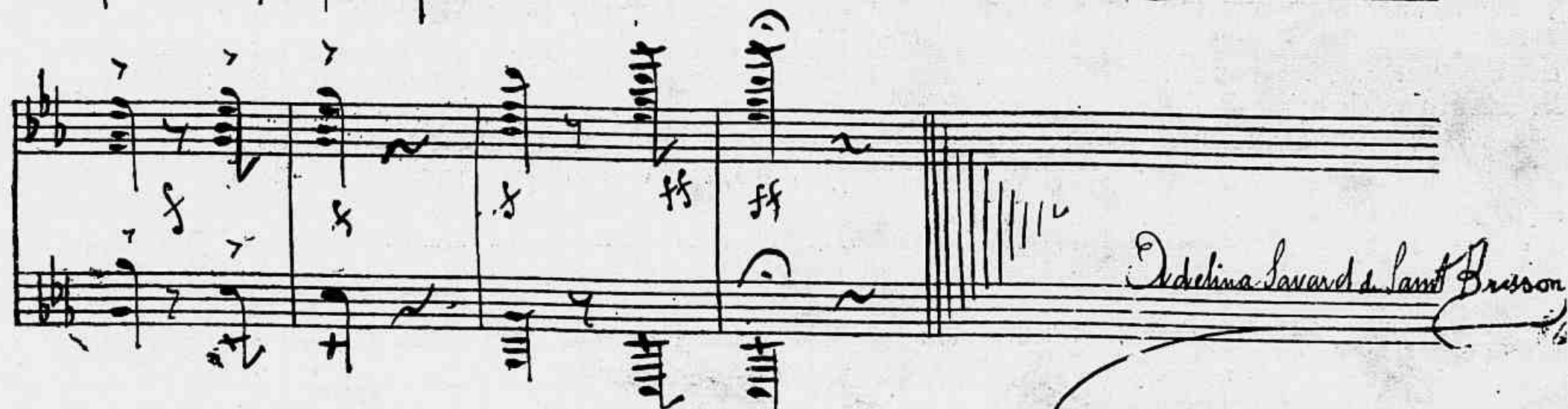
Nos campôs da batalha,
Ao trocar dos canhões,
Tenhamos sempre a patria:
Em nossos corações.

Soldados !... para frente !
Marchemos sem temor
A defender a patria,
Que amamos com fervor.

Pelo Brazil contentes,
Vamos todos lutar,
E as palmas da victoria:
Havemos de alcançar.

Pelejemos com ardor ;
Mostremos ao estrangeiro
Como sabe morrer:
Um bravo brazileiro!

Avante !... patriotas !
Que n' um brado viril ;
Retumbe glorioso:
O nome do Brazil.

— Então é exacto que recebeste de teu noivo uma carta com mais de 10 paginas ! O que dizia elle ?
— «Amo - te»

Marcha Patriotica.
dados para a frente Marchemos sem temor A defender a patria Que amamos com fervor! Sau
demos com respeito Esta altiva bandeira Que é o symbolo sagrado Da patria brazileira Nos
campos de batalha Ao troar dos canhões Tenhamos sempre a patria Em nossos co_

NOVIDADES MUSICAES:

O dr. José Rangel director dos grupos escolares «José Rangel» e «Antonio Carlos» na aula de gymnastica

Cousas da guerra

Em Ostende — Belgica

Uma avosinha e seu neto, que, por haverem perecido na guerra todos os membros da sua familia e ter sido incendiada a sua casa, se encontram sós no mundo.

A guerra veio, atro inimigo,
Megéra atroz, furia inclemente,
Pondo por terra o lar antigo
E a morte dando á pobre gente.

Da prole inteira, eis o que resta,
A casa em cinzas, sem ter pão:
Esta velhinha tão molesta,
Levando o neto pela mão.

Vêde-lhe o olhar, sombrio, incerto,
A meditar no seu destino,
Vendo que o mundo é só deserto
Para o seu neto pequenino.

Que importa a ella a morte crua,
Si tantos annos já viveu?
Mas que vae ser da sorte sua
Sem pouso ter p'ra o neto seu?

Pára e medita a desgraçada,
A revolver no pensamento
A triste idéa desse nada,
Desse infinito isolamento.

Quanta desdita abrange e encerra
O olhar parado dessa avó,
A imaginar que toda a terra
Se mostra assim sem pena e dó!

Que quadro horrivel de afflicção
Ai! nesse olhar não se imagina,
Desde a maior carnificina
A' mais cruel desolação!

Seguir para onde, si a metralha
Anda a ferir por onde fôr?
Si em toda a parte a morte espalha
Cheia de insania e de furor?

Mas que vae ser de seu netinho,
Depois de tão mortal abalo,
Elle que está quasi sósinho,
Si não tem onde agasalhal-o?

Ai! porque a morte, quando veio
Buscar-lhe os paes, tambem não quiz
Antes leval-o ao proprio seio
Para o negror de seu paiz?

De um lado, a morte pelo obuz,
E de outro, a morte pela fome...
Debalde clama por Jesus
E de Maria pelo nome.

Que longa estrada a percorrer
Nesse abandono torvo assim:
Desse querido e pobre sêr,
Ai! quão atroz vae ser o fim!

E segue, e vae, e pára, cança,
E a velha scisma, atormentada:
—O' Deus, salvai esta criança,
Morra só eu abandonada!

Que vai fazer, si o fado arrosta,
Pelos caminhos sem ninguem,
Entregue á fome, ao frio exposta,
Da sorte ingrata ao ruim vaivem?

E a pobre velha olha e medita
Nesse infortunio assolador,
Que a guerra fez, guerra maldicta,
Os dois jungindo á mesma dor.

RIBAR.

A lagrima.

A alguem.

TU paranymphas a gloria, a alegria e a dor; sincera és quente, hypocrita és fria; na flôr és a essencia de um raro perfume!

Tu purificas a alma condemnada, symbolisas o amor santo, puro e sublime de mãe. E's o unico balsamo consolador, o lenitivo para o soffrimento. E's tambem para o amor o sello do pudor.

Na morte és o ultimo estertor. Symbolisas, ás vezes, a alegria numa explosão repentina e sincera.

Lagrimas quem não as terá vertido?

ISISINHA.

Seraphina Pacheco, amiguinha do *Jornal das Moças*

A. B. C. do homem moderno

Andar tentando as mulheres
Beber á custa dos outros
Casar com moça bonita e rica
Dever o mais que for possivel
Enganar a humanidade
Fumar charutos de Havana.
Ganhar no jogo
Honrar-se do seu saber
Ingrato para com todos
Jogar Foot-Ball para ser forte
Lembrar-se do seu dever
Morrer por não fazer nada
Negar a verdade
Ordenar sem ter commando
Pensar pouco
Querer ser deputado.
Renzigar em casa
Ser hypocrita com as mulheres
Tomar rapé quando velho
Usar o rosto raspado
Ver só o que lhe convem
Zombar das mulheres.

EVA CARLÓ.

Toda mulher é poeta pela imaginação, anjo pelo coração e diplomata pelo espirito.

Amiguinhos do "Jornal das Moças"

(1) Maria de Lourdes, (2) Rodrigo Benjamin, (3) Moacyr, (4) Jayme, (5) Joannita, (6) Juracy, filhos do dr. Julio Koeler, e (7) Rubens, filho da nossa illustre collaboradora Graziella Koeler (Grazy)

Quando a vejo esguia, pallida, de uns olhos tentadores, meigos, lembro-me da outra, dessa outra que partiu levando comsigo o meu louco ideal... esse ideal que eu vi pouco a pouco fugir-me... e fico evocando essa ingenua creaturinha a quem tanto amei; sim, porque não me posso esquecer dessa que foi o meu anjo e que, na minha existencia dolorosa, apaziguou as dôres e os soffrimentos que tanto me faziam soffrer... e ser infeliz. Bella em sua simplicidade, em seus encantos bella, ella fazia vibrar de novo a minh'alma dorida, cançada...

Anceios tive-os; deleites gozei os. Possuindo tudo que havia de mais bello sobre a terra, eu era feliz: gosava o amor que vivifica, o amor que reanima. No emtanto Deus levou-m'a... e eu fiquei chorando, penando...

Em os meus sonhos tristes vejo-a erguendo as mãosinhas, como que dizendo: «coragem, a vida é eterno martyrio, um mytho de duração longa, uma ficção eterna, coragem, tudo é transitorio, o mytho é horrivel, a ficção dolorosa... e, de subito, eu a via sumir entre fulgores mil, e ficava com o vacuo no cerebro, com a saudade no meu coração de infeliz... Agora, exhausto de soffrer tanto, sinto-me no término da jornada, qual peregrino, no fim da illusão que tão cedo desmantelou se...

Que me importa, si sei, si tenho ainda o consolo, que ella está lá em cima, ao pé de Deus, esperando-me anciosa que eu parta, que lhe beije as mãosinhas delgadas, pequeninas, resplandescentes...

Nessa derrocada de todas as minhas aspirações, de tudo que imaginei quando era feliz, sinto-me melancolico, possuido de uma angustia intérmina, e, por isso, quando vejo essa outra que, esguia e pallida, passa, recordo-me da minha Bolivia que partiu para plagas longinquas... e deixou-me a chorar de saudade,—magua profunda que se apossou deste coração infeliz, desgraçado...

Nictheroy, 1 de Dezembro de 1914.

C. V. S.

Paginas do coração

ERA uma dessas noites hybernaes, tiritantes, em que nem uma estrella, sequer, lucila no amplo céo.

Um denso véo de crepe se desdobrava por sobre a terra immovel e silenciosa. Era a imagem apavorante do cahos.

As folhas dos arbustos lacrimejavam de gottas do orvalho — que são o pranto dos que morreram deixando uma saudade na terra!...

Além, em sitio onde mal se podia distinguir, o riacho quérulo e gemebundo atirava para o seio da noite a incomprehendedor a cavatina de sua eterna magua.

Nem um pipiar, nem um ruido que annunciasse a existencia de um ser vivo.

E havia o que quer que fosse de aterrador e macabro, porque a morte é sempre cheia de pavores mesmo para os espiritos mais lucidos.

Parece que perpassam nas trevas phantasmas de gigantes ou de pygmeus.

Ora elles se approximam, ora se afastam de nós.

E temos a impressão penosa de que braços hirtos e longos, dedos ossudos e frios de compressora força de tenazes implacaveis, tentam apoderar-se de nós, numa ancia de estrangulamento e de vingança.

Mas, de um horto distante, vinha um perfume embriagador de rosas e jasmins. E esse perfume tinha a força evocadora de um poema de ventura, de uma pagina de beijos ou de um idylio de amor!

* * *

Querida. A minha vida seria tambem assim, como essas noites de inverno, si um dia a Fatalidade te arrancasse de meus braços ou impedisse que minhas pupilas nas tuas pupilas reflectissem!

Mas, no aroma das rosas eu seria a eterna lembrança do nosso amor, e nas gottas de orvalho, as lagrimas da minha imperecedora saudade!

ROSAES SADI.

Olhos de Judia

Nos teus olhos azues, onde geme a tristeza,
Olhos cheios de amor, olhos meigos, discretos...
Eu leio o teu romance, essa Odysseia accesa,
Em que a Paixão se estampa, ardendo em mil aspectos.

Ha nelles tanta graça, envolta em tal pureza,
Que os vendo, eu cuido ouvir a voz dos teus affectos:
Olhos que vão sonhando um sonho de belleza,
Orvalhados de pranto, e de perdão repletos...

Quando os teus olhos fito, os teus olhos, Judia!
Eu penso ver além, em preces, supplicantes,
Erguidos para a Cruz, os olhos de Maria...

E esse terno langor que derramas do olhar
E' a saudade talvez, dessas plagas distantes
Que pisavas feliz, á sombra de um pomar...

ERICO CURADO.

A' Santinha (Realengo).

A musica enebria, conquista amores por excellencia, mas, sem embargo, a amizade antiga aquella que no fulgor dos vinte e dois annos . . . será jámais esquecida de quem ainda e nunca esquecerá.

Realengo, 6 de Dezembro de 1914.

Aix 42.

A um infiel que illude dois corações innocentes.

Si o homem podesse ver a asquerosa figura de sua alma, quando illude uma mulher, esquivar-se-ia, aterrorisado.

S. Christovão.

A. C. M.

Rio, 4—12—914.

A' amiguinha Carmen de Castro.

Não ha dor tão profunda, como a da ingratidão, principalmente quando vem da pessoa a quem nós dedicamos uma verdadeira amizade.

Friburgo.

Cocota.

A' boa Zizinha G.

Assim como os passarinhos ao cahir do ninho deixam afflictos os seus filhinhos, assim a tua partida, deixa em meu pobre coração a cruel dôr da saudade.

Dovazinha.

Gloriosa data 17—12—1914!! . . . de que jámais me esquecerei.

Suherda.

A alguem.

Assim como a flor abre as suas mimosas petalas para receber o orvalho matutino, assim meu coração se abriu para receber o teu sincero amor.

Dalena.

Ao ?...

E's tu, és tu a estrella que mais fulgura no horizonte da minha existencia.

Maryinha.

Mlle. Saida.

Pediu-me V. Ex. definição da palavra ou desse sentimento que chama *Amor*.

A sua escolha recahiu mal por dois motivos — primeiro, porque falta em mim espirito, competencia para dizer de uma palavra que traduz um sentimento tão complexo; segundo, porque tenho uma alma velha, triste, descrente, alma doentia de sceptico, que crê apenas na materia e um coração inflexivel de desilludido.

Mas quer V. Ex. saber como comprehendo o Amor? Como uma das multiplas manifestações de um organismo de nevropatha. Na mulher é mais intenso esse sentimento (se é que existe!) porque obedece a um sentimento de egoismo; como que á necessidade de uma protecção moral que só no organismo mais forte pode encontrar — o homem.

Não sei se V. Ex. acceitará o que escrevi e nem se o *Jornal das Moças* publicará. Em todo caso, foram os seus desejos satisfeitos.

A. Rauge?

Gentil Magnolia Triste.

Com a tua candida alma de flôr trescalando perfumes embriagadores de amores virgens, pediste, cheia de intimos desgostos *a alguem*, que te despresou, a paz intima do esquecimento, — embora com a lembrança do *passado enlouquecido e roseo* por entre loucuras de *beijos dados* . . . Volvendo os meus olhares para a intima suggestividade do teu anjelico e desditoso coração de mulher e martyr, eu como que me sinto apathico, triste e desolado pelo penoso soffrimento do teu coração. Continua a ser forte e impiedosa para com o tyranno que esqueceu a sinceridade do teu idealisante amor.

Se soubesses da causa do meu viver nostalgico, terias para commigo a mesma sinceridade de affecto que te quero!

Quero-te e quero-te com a meiguice do colibri á flôr do orvalho, ás plantas e da brisa ao leque das palmeiras.

Quando na intimidade do teu soffrer pensares nesse *alguem*, que hoje tanto te tortura a alma virgem, lembra-te, com um resquicio de fé da legitimidade expressiva de quem te admira e quer em espirito.

Ary.

Ao joven O...

Meu coração envolto no negro véo de uma ingratidão, nunca mais terá alegria, ao desabrochar de uma felicidade.

Paracamby—E. do Rio.

Alzira Leão.

O amor do homem é impetuoso e eterno como o sol; e da mulher é de tão pouca duração como as flôres.

Audacioso.

A Esperança.

A alguem.

A esperança, é na terra um poderoso balsamo para os corações que soffrem.

Ella nos ajuda a supportar com resignação os males tão frequentes na nossa existencia. Tanto na dor, como na alegria, ella nos mostra um futuro radiante de luz e de amor. Triste de nós quando ella nos abandona. Sentimos n'alma o desanimo e a desillusão.

Nada se compara á sua voz e ao seu sorriso. Consolo dos que soffrem!

Deus a fez irmã da «Fé e da Caridade», e deu-lhe o sublime nome de «Esperança».

Mercedes P. Pereira.

Rio, 16 de Novembro de 1914.

Quanto é horrivel receber-se em troca de um amor profundo, a mais fria ingratidão, o mais atroz indifferentismo!

A alguem.

Como é cruel o teu coração!

Comprehendes a extensão incommensuravel do meu amor e, depois de alimental-o por algum tempo, não trepidaste em desprezal-o, escarnecer delle, lançando assim minh'alma em um oceano de amarguras!

Marilia Biltencourt.

P. Nova.

A' Mlle. Dejanira Machado.

Em algumas mulheres o «amar constante» é mais difficil do que o proprio «impossivel».

O primo.

Acrostico

A' senhorita Mimosa

M issal de Deus no calice de um lyrio,
I rmã gemea da dôr e do martyrio.
M artyrio egual ao que soffreu Jesus.
O h! deusa a quem decanto e faço jus,
S ois estrella aclarando a minha estrada
A lameda infeliz: —
Eis minha amada!

E u sou formado com a infelicidade
D as dores mais crueis que a soledade,
G randiosas dores que a minha alma affecta!
A i, no meu riso eu dissimulo o pranto
R aras eu choro, e no entretanto
D escrevo a minha dor: —
Eis o poeta!

De Edgard Leal

Ao P. M. Magalhães.

Quando votamos sincera amizade a uma pessoa e esta sem o menor motivo nos despreza nunca nos devemos mostrar magoados, e sim procurar outro coração mais digno da nossa dedicação.

Seadam P.

Rio.

A solidão é um balsamo para as feridas de minh'alma; um tonico para as dores que soffre o meu coração.

Lentamente eu bem sinto a sympathia
Unir-se no meu peito ao coração
Indago á sciencia, e esta, toda ironia,
Zomba, e chama o meu mal — Divagação.

Margarida.

A' querida mamãi.

Mocidade! Suave recordação da infancia, tempo dos sonhos roseos e das illusões venturosas.

Ciumenta.

Peccado?

A Mlle. Helena Urzedo Rocha.

Ajoelhou-se na capella
Piedosamente a rezar,
Mais graciosa e mais bella
Do que a santa lá do altar.
Era por algum peccado
Que fazia penitencia?
— Algum amor despresado
Sem ordem da consciencia!...

N. Portugal.

Amar... amar ardentemente, dedicar todo o carinho a um ente que é parte de nossa vida; depois... depois sentir a dor de uma atroz ingratidão; saber-se trahida pelo mesmo ente a quem entregamos noss'alma crente, todo nosso coração pleno de amor...

Como é triste o esboroar das nossas illusões!...

Botafogo, Novembro de 1914.

Alouetts.

Jriolet

Senhora, aos vossos sorrisos
Eu contraponho os meus ais:
São flechas que em mim cravaes.
Senhora os vossos sorrisos!
Não julgueis sejam precisos
Os gestos com que fallaes;
Senhora, aos vossos sorrisos
Eu contraponho os meus ais!

B***

Nem sempre o sorrir quer dizer alegria; muitas vezes o riso nos labios só serve de mascara para encobrir as tristezas que nos vão n'alma.

Oraphile.

A' senhorita Deborah B.

Vi-te passar á noitinha
Muito depois do sol posto.
Tinhas o andar da andorinha
Trazias rosas no rosto...
Por acaso o teu olhar
Encontrou-se com o meu...
Umas resteas de luar
Mas d'um luar de verbenas,
Que nos vem mostrar o céo
E que nos deixa com penas...

Mario Rocha.

A' mlle. Odette Mesquita.

O lhos-fontes de doçura
D ivinisadas de luz...
E strellinhas de candura...
T ernos lyrios de Jesus...
T enros botões de verbenas...
E espelhos das assucenas...

Lyrio Roxo.

Olhos.

A alguem.

A expressão desses olhos derrama uma torrente de meiguice.

Quem não capitularia nos mimosos combates de suas pupillas? Só a infeliz a quem o destino negou encantos na vida e deu o pranto como supremo conforto das horas desoladas!

Eva Carbó.

Para o coração que ama, a vida transfigura-se num sonho delicioso, onde a alma apaixonada se embevece, na dulcida esperança de um bem futuro!...

Arlindo Mariz Garcia.

Assim como a estrella do Oriente guiou os tres magos á casa de Jesus, teus olhos guiam-me tambem á casa florida do amor.

S. Christovão.

A. C. M.

Rio, 15—12—914.

NOITE...

HA, em cima, constellações radiosas, brilhos que deslumbram e segredos que se não desvendam nunca...

São os luares desmaiados que infiltram no nosso espirito uma poesia encantadora e libertos da agitação diurna, podemos rever as saudosas estancias da vida, —da vida que a uns passa como um sonho e se extingue rapida, e a outros passa como um pesadelo profundo e demorado..

Nossa alma, — andorinha prófuga, espalma as azas no ether imponderavel recortando aqui e alli phantasias singulares; no nosso cerebro passam celeres como nuvens em céo de maio, as recordações sempre renovadas, sempre ridentes de um bem que depressa se extinguiu, de uma ventura que se desfez como o aroma que se evola do calice tremulo das rosas...

Quantos annos andei a sonhar cousas ideaes e a erguer as venustas mesquitas da Phantasia?

Não sei, ao certo; apenas do promontorio das minhas illusões vi tudo pequeno e mesquinho,—pequenos os homens e mesquinhas as cousas.

Senti-me atordoado pela realidade tangivel que mata e embota, — mata a branca flor do sentimento, embota a rubra flor das illusões..

Agora, porém, dentro da noite, as eiras pallidas do luar tranquillo vêm me despertar desses amavios, perigoso philtro que conseguiu empolgar toda a minha organisação, reduzindo-a á mizeria, que eu attribuia outr'ora aos que viviam no mundo real, sem enganos e sem ficções.

Maior se me parece esse estado d'alma, quando eu comprehendo que á luz germinadora e fecundante do sol tudo cresce e se desenvolve, tudo se cria e augmenta, tudo se robustece e fructifica, numa eterna lei de successão transformadora: Mal e o Bem. O Mal com as suas tulipas negras; o Bem com as suas rosas brancas...

Para onde sigo nesse mar de cogitações? Para onde me conduz essa lutuosa galera da descrença? A que socegados sitios irei ter, em colloquio intimo com o meu Eu?

Que paizagens frias e somnolentas, sem a luz que vivifica, sem o polychromismo que encanta, sem os tons que deslumbram, irei contemplar ao fim da vida, quando os cabellos brancos me ornarem a cabeça e as rugas das faces infundirem respeito?

Parae, ó resto de sonho que me enfebricita!...

Parae!

Amanhã, quando da lua merencoria só restar no céo azul da madrugada o cariz descorado e triste, virá o afan dos longos dias de labuta, o sussurro apoquentador de todos os dias; e então, a mim que vivo na sombra, a mim, que me entreguei á penumbra da vida, restará apenas no espirito a pequena nuvem, a fugir, de um sonho que eu tentei prolongar...

MAIS ALTO QUE MONTANHA

A' Carlos Maul

O' sonho da cidade!
Sonho de engano, é certo, e de miseria e vicio,
Mas tambem de orgulhosa e viril anciedade!
Germens de luta, de illusão, de sacrificio,
Germens de crimes, de victorias, de ambições,
—Tudo isso vive em ti na sua hora extrema
E alimenta de esforços os nossos corações!
Sonho impuro, dirão... Sonho profundo e forte,
Em que a vida é maior, sobrehumana e suprema,
De tal maneira esquece o repouso da morte.
Sonho que tudo abranje, amante e fraternal,
Tanto amalgama o nosso bem e o nosso mal,
Com todo o mal, com todo o bem que nos rodeia
—De sonhal-o, o Presente, urdindo a sua teia,
Prende as aspirações, as forças, as chimeras,
E, creador de irrealizadas primaveras,
Já nos faz respirar o desejo futuro!
Todo um novo ambiente accorda, ao seu calor:
Já não ha rythmo vago ou ideal obscuro
Para a revelação da athmosphera intensa
—Ebria do mais violento e magnifico amor,
Fremente do estertor dos que morrem na dor,
E em que o fumo é talvez uma ambição, suspensa
Antes de se perder na paz universal!
Mas não ha paz aqui!... — as fabricas inquietas
Não descançam a voz estridula e brutal,
Cantam soffregamente as almas de Poetas,
Choram com amargura as boccas sem ter pão!...
E quando a noite cae nesta exasperação,
Nasce da sombra triste uma imprevista aurora,
Sóbe na treva densa, alastra d'hora a hora,
E em vez do canto duma ave matinal
Faz voar da cidade invencivel e fundo
—Mais alto que a montanha e como elle immortal—
Um clamor de energia a despertar o mundo!

Lisboa — 1914 - - - -

João de Barros.

Coisas da guerra — Na Belgica

Deixam a patria invadida pelas forças inimigas

BILHETE

A' qui je sais

ESCREVO-TE agora este bilhete, não quero, por isto, condemnar sentimentos intimos, pois, muito longe do sentimento alheio, me apparelho com razão diversa.

Sei, no emtanto, que todos nós temos o amor proprio que ennobrece.

A affeição e o sentimento do querer não são cousas banaes.

A penna que deslisa suave sobre o papel, onde impressas ficam nossas confissões, não mente na sua descripção. E' o sentimento e o culto que falam.

Não considero o amor como alma da vida, pois que a alma, propriamente dita, domina a materia de um sêr racional, e o amor só tem razão no querer e na vontade da propria alma.

Isto de dizer, como certo poeta, que «o amor nasce de um beijo, e vive o que um beijo perdura», seria confessar na sua não existencia: o goso de um beijo passa, e delle a impressão que se tem é nulla.

Muito naturaes, muito communs, são os arrufos dos que se affeiçoam, dos que se querem.

E' preciso, no sentir e no querer, que as nossas almas se comprehendam. E o proprio olhar, que tudo devassa, que devassa a nossa alma inteira, nelle está a comprehensão do proprio querer, que não se confunde com as cousas banaes da vida.

O retrahimento, porém, gera a descrença e a descrença do amor como da propria vida, tudo destróe, tudo corrompe, tudo desfaz.

E' preciso a sinceridade como causa principal, e desde que os arrufos se multiplicam, certo é que a vontade desapparece, deixando de si uma lembrança d'aquillo que só existe por mera phantasia.

Não obrigo a vontade alheia. Nós gosamos o amor uma só vez na vida. Depois . . . o respeito, o culto de um altar a Deus.

Custa pouco dizer — NÃO; muito custa dizer — SIM!

Rio, Dezembro de 1914.

RAUL LOUREIRO FILHO.

HYGIENE DA BELLEZA

Os dentes

E' este um dos pontos capitaes com respeito á cultura de belleza, visto que ao encanto duma bocca bonita podemos juntar a certeza que nos dá o seu tratamento de não haver doenças que alem de serem perigosas são desagradaveis á vista e ao olfato.

Não deve ser descuidada a primeira dentição nas creanças (ainda que de ephemera duração); deve haver todo o cuidado com as gengivas, que os dentes saiam bem, etc. Tem-se visto dentes cariados produzirem fistulas em idades que chega quazi a parecer impossivel.

Depois de tres annos deve obrigar-se a creança a lavar a bocca depois das comidas e ao levantar.

O assucar, o chocolate e os fructos são muito salutares ás creanças como alimento, mas exercem uma certa acção nociva no esmalte dos dentes de leite. E' conveniente que os dentes de leite cáiam de per si para dar logar aos outros, sem se estragarem, em tempo competente. Arrancados á força, contra a marcha da natureza sempre hostil a esta operação inutil, causam irregularidades que mais tarde é preciso tratar. Na agua morna com que se lava a bocca o mais insignificante aroma basta. Não recommendamos nada em especial, mas o melhor é um antiseptico qualqner em pequena dóze.

Depois da segunda dentição, os meninos devem habituar-se a uma lavagem já mais seria. No emtanto até aos dez annos não devem fazer uso da escova, limitando-se a esfregar os dentes, uma ou duas vezes por semana, com um panno molhado num dentrificio qualquer de confiança, esfregando de maneira a puxar as gengivas sobre os dentes para que se não descarnem, o que além de fazer mal é muito feio.

Si nos intersticios ficar qualquer fibra de comida deve tirar-se com um palito feito de pena ou com um fio de sêda — tendo cautela em não ferir a carne.

Havendo cuidado com a bocca desde a infancia não só se tem bonitos dentes como se conservam até mais tarde. Si apesar da mais rigorosa hygiene, não se póde evitar que alguns cáiam, tem essa perda com menos suffrimento do que seria si não tivesse havido sempre o maximo cuidado com a bocca.

Não ha as inflammações, os abcessos, as periostites que existem sempre numa bocca que não é tratada.

A alimentação das creanças, tanto na primeira como na segunda dentição, deve ser sujeita, um pouco, ao regimen calcareo para que os dentes venham melhores, mas nunca de modo a que possa estragar-lhe o estomago.

BELA'.

Conselhos uteis

Para a pelle do rosto — Misture-se a 300 grammas dagua de rosas: 30 grammas de oleo de amendoas doces e algumas gottas de oleo de tartaro. Agite-se este preparado sempre, antes de usar-se. Um pouco de glycerina junta, tambem produz um resultado maravilhoso em algumas pelles, mais isto só se póde verificar, experimentando primeiro, porque muitas vezes causa irritação.

Como variação, que é sempre recommendavel, damos a seguinte excellente receita: 90 grammas de oleo de amendoas doces, e 30 grammas de cera branca

e outras 30 de espermacete, que se terão previamente derretido, e misturam-se bem ao oleo e, emquanto esta composição está ainda bem quente, deite-se-lhe agua de rosas ou de laranja para a tornar num creme macio. Pode-se-lhe ajuntar algumas gottas de um perfume que se prefira emquanto que um poucochinho de tintura de benjoim actuará como preservativo. Estes crêmes são, realmente, esplendidos para massagem da cara, mas, para os braços e hombros, recommendamos um outro, pois é necessario maior quantidade:

Ponham-se 500 grammas do melhor toucinho dentro de uma bacia e lave-se bem em successivas quantidades dagua a ferver; repita-se este processo duas ou tres vezes. Então bata-se o toucinho com um garfo até ficar numa especie de crême e junte-se-lhe um pouco de oleo de amendoas doces e agua de rosas, assim como algum perfume favorito, alfazema ou bergamota. Estas tres composições tornar-se-ão muito populares se forem usadas constantemente, pela razão dos seus poderes lenitivos e erradicantes.

* * *

Cuidados com os pés — Uma questão muito importante é a do tratamento dos pés antes e depois de qualquer exercicio. O melhor é banhal-os numa loção preparada com algum vinagre e grande quantidade de agua quente. Se os artelhos estão inchados, é recommendavel a massagem com as pontas dos dedos até que a rigidez, que geralmente apparece simultaneamente com a inchasão, tenha desapparecido; se ha symptoma de tormento dos tendões, deve-se banhar o pé dentro dagua muito quente até que a dôr tenha alliviado, depois do que, é de grande efficacia, banhal-o em agua fria.

A preservação da cutis, dos estragos do Sol e vento, é uma tarefa de mais complicação porque uma pelle delicada irrita-se á mais pequena provocação.

O *cold cream* puro, é um bom protector contra esses estragos, quando bem esfregado na pelle, antes e depois de qualquer expedição, applicando-lhe em seguida um pó que possua a desejada qualidade de suavisar e não de colorir a pelle.

As queimaduras do Sol podem-se erradicar com a applicação de um preparado de sumo de pepino e leite, emquanto que um pouco de borato de soda e sumo de limão apagará todo e qualquer traço escuro. A cara e mãos devem ser sempre lavadas em agua com algumas gottas de glycerina.

* * *

Cuidados com os olhos — Deve-se ter muito cuidado com os olhos; quando comecem a doer repousem-se e banhal-os em agua de rosas é de resultado muito benefico. Uma excellente loção para olhos fracos ou inflammados é meia colher (de chá) cheia de acido borico dentro de dois decilitros dagua quente. Banhem-se os olhos de duas em duas horas com esta loção pois é um preparado de inteira confiança.

Manifestação ao Dr. Nilo Peçanha

Commissão de distinctas senhoras nictheroyenses que foram cumprimentar a exma. esposa do dr. Nilo Peçanha, no dia 3, por occasião da grande manifestação promovida pelo commercio da visinha cidade

O Mosteiro Velho

A senhorita Odette Mesquita.

ENTARDECER. O sol desfaz-se em ouro no poente. O mar, o antigo refem das praias, anda cantando um «miserére» de amarguras. Uma nuvem diaphana de tristeza vae descendo com a penumbra do nascente e esparge-se no ar em doces agonias.

O velho mosteiro fica fronteiro ao mar. Vetusto casarão cançado de caminhar lugubremente pelos seculos fóra, tem as suas paredes negras e carcomidas pelo tempo, presas á terra por entrelaçadas éras. Assim á beira da praia parece uma grande embarcação que o mar alli cuspiu com açoites de vendaval.

E' muito triste o seu aspecto. Visto atravez das brumas indecisas do entardecer, é uma sombra do passado, que a luz do presente ainda não conseguiu diluir. Visto atravez das nossas consciencias é um remorso da civilisação.

Quantas vidas se gastam esterilmente á luz prisioneira e pesada que escorre das suas paredes monasticas! Quantas ancias quebram azas nos grossos ferros das suas grades intransponiveis! Quantas virgens alli fenecem de magua, nos delirios sensuaes de amores insatisfeitos e nas piedosas entoações das longas ladainhas! O mosteiro velho. . . como elle é triste nesta hora religiosa do entardecer!

Ao longo de suas janellas, que dão para o oceano, movem-se preguiçosamente ao lume dagua, como pombinhas mansas, as empanadas silhuetas de algumas velas brancas... São as esperanças das lindas freiras que eu vejo debruçadas pelas grades com olhares beatificos de magua—esperanças que não conseguiram durar um dia. São barcaças que voltam acossadas pela noite. . . São aspirações que voltam trazidas pelo desanimo, e que nem sequer conseguiram ultrapassar os limites deste pequenino horizonte, que a nossa vista alcança. . .

E o mosteiro velho, alli á beira-mar carregadinho de seculos, ainda será amanhã uma sombra do passado para remorso da civilisação hodierna.

AGOSTINHO MESQUITA.

CARTAS DE AMOR

CARTAS de amor! Quem não as tem?!

Não fallo desses bilhetes copiados em livros, onde a expressão não diz nada e o sentimento está ausente.

Fallo dessas paginas inteiras, escriptas com o coração a transbordar, com a intelligencia saturada de tudo o que se espalha sobre a folha branca. . . a esmo. . . sem reflexão nem calculo.

E' a alma que passa sobre o papel, a alma que se imprime nas lettras miudas que vão bordando aquelle tecido claro,

Cartas de amor! Quem não as tem?

Estão alli, as primeiras, quando elle dizia ainda: vós...

Depois vem aquellas onde a intimidade faz dizer: tú...

Estão alli! Atiradas todas uma por cima das outras numa mistura adoravel, trazendo sensações fortes, emoções profundas.

A lettra mascula do ente amado como é adorada alli naquelles pedaços d'alma que elle nos envia!

Como os nossos olhos acariciam, cheios de subito devaneio, aquellas palavras, aquelles caracteres que enchem as paginas brancas, deixando alli uma sombra que traz ao sêr inteiro um estremecimento antes nunca sentido. . .

Cartas de amor! Quem não as tem?

Flôres amontoadas numa gaveta ou numa caixinha, flôres cujo perfume entontece, embriaga. . .

Momentos felizes em que os olhos no aconchego ao papel, as mãos no contacto da folha branca, sentimos uma vida nova irradiar em todo nosso sêr, e as acabamos sempre, essas cartas de amor, sempre as concluimos, olhos fechados, amarrotando o papel. . .

Margarida.

No proximo numero publicaremos a primeira *Carta de Amor*, nesta nova secção, para a qual acceitamos a collaboração de nossas leitoras e leitores.

Só publicaremos, porém, as que forem escriptas em estylo e linguagem compativeis com a indole desta Revista e que não occupem mais de tres tiras de papel almasso.

MODAS E MODOS

Apresentamos hoje ás nossas gentis leitoras, como novidade, o modelo de uma *toilette* ultima creação, talvez ainda inedita nesta capital.

De uma fórma original, desconhecida, vae sem duvida, fazer successo.

Confeccionada em musseline suissa bordada ou lisa, forrada de taffetá flexivel, o corpo é largo, amplo, abotoado na frente por uma carreira de botões de phantasia, tendo dois volantes bordados e cortados em fórma.

A golla de estylo Medicis termina aberta em um peitilho ou guimpe.

E', como se vê, muito simples, exigindo porém um corpo bem feito e não convem ás pessoas muito gordas, nem ás excessivamente delgadas.

*

Falemos, agora, um pouco sobre chapéos, começando por uma ligeira referencia ao chapéo que completa a linda *toilette* acima descripta.

Vê-se, desde logo, que é um pouco grande em relação aos modelos usados até bem pouco tempo.

Com effeito, a tendencia actualmente é para tornal-os maiores e isto nos parece ser uma modificação acertada, pois nem todas as phisionomias vão bem com os chapéos pequenos.

Uma senhora ou senhorita de corpo *avantajado*, alta, de farta cabelleira, certamente não apresentará um aspecto agradavel si trouxer á cabeça um chapéosinho dos que andavam em voga.

O bom gosto, neste assumpto, como em tudo que se refere ao vestuario, consiste justamente na criteriosa escolha do que fôr mais conveniente a cada um.

Os exageros são sempre prejudiciaes e trazem frequentemente o ridiculo.

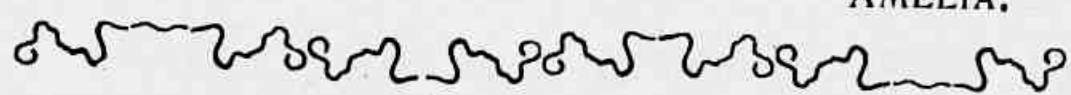
Na casa Castro, á rua Uruguayana nº 11, as amaveis leitoras encontrarão o que ha de melhor e mais moderno, neste interessante assumpto.

*

Approxima-se o Carnaval, a festa popular por excellencia e por isso começamos já a apresentar alguns modelos para phantasias.

Chamamos a attenção das leitoras para a pagina «Modas Carnavalescas», onde poderão escolher á vontade.

AMELIA.

Ultima creação da Moda

Entre amiguinhas de collegio:

—Confesso-te que não tenho vontade alguma de me casar.

—Pois eu não desejo outra cousa.

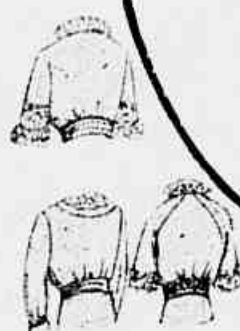
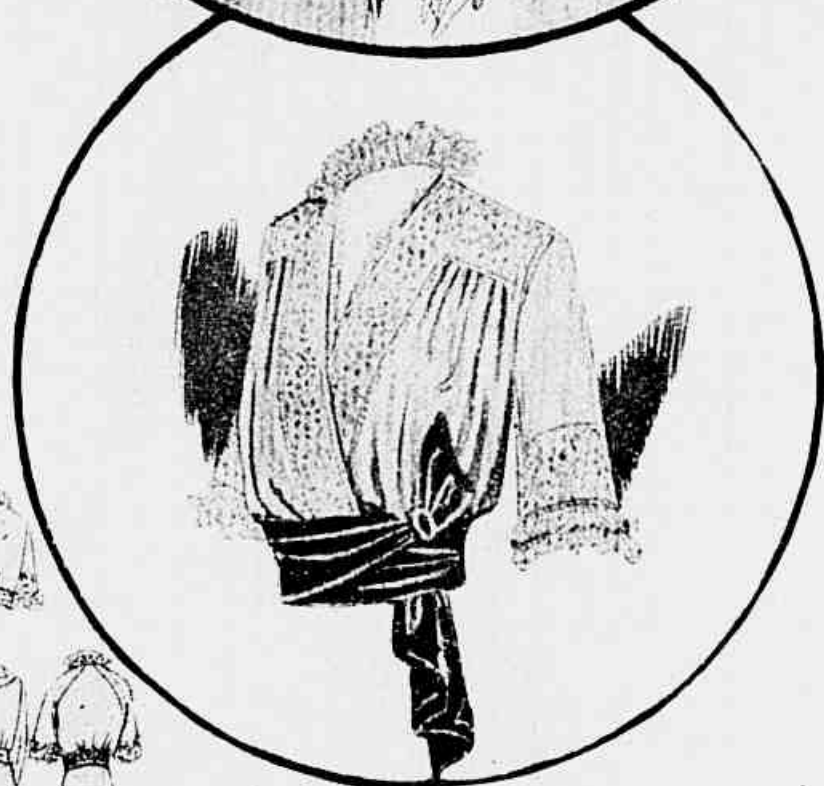
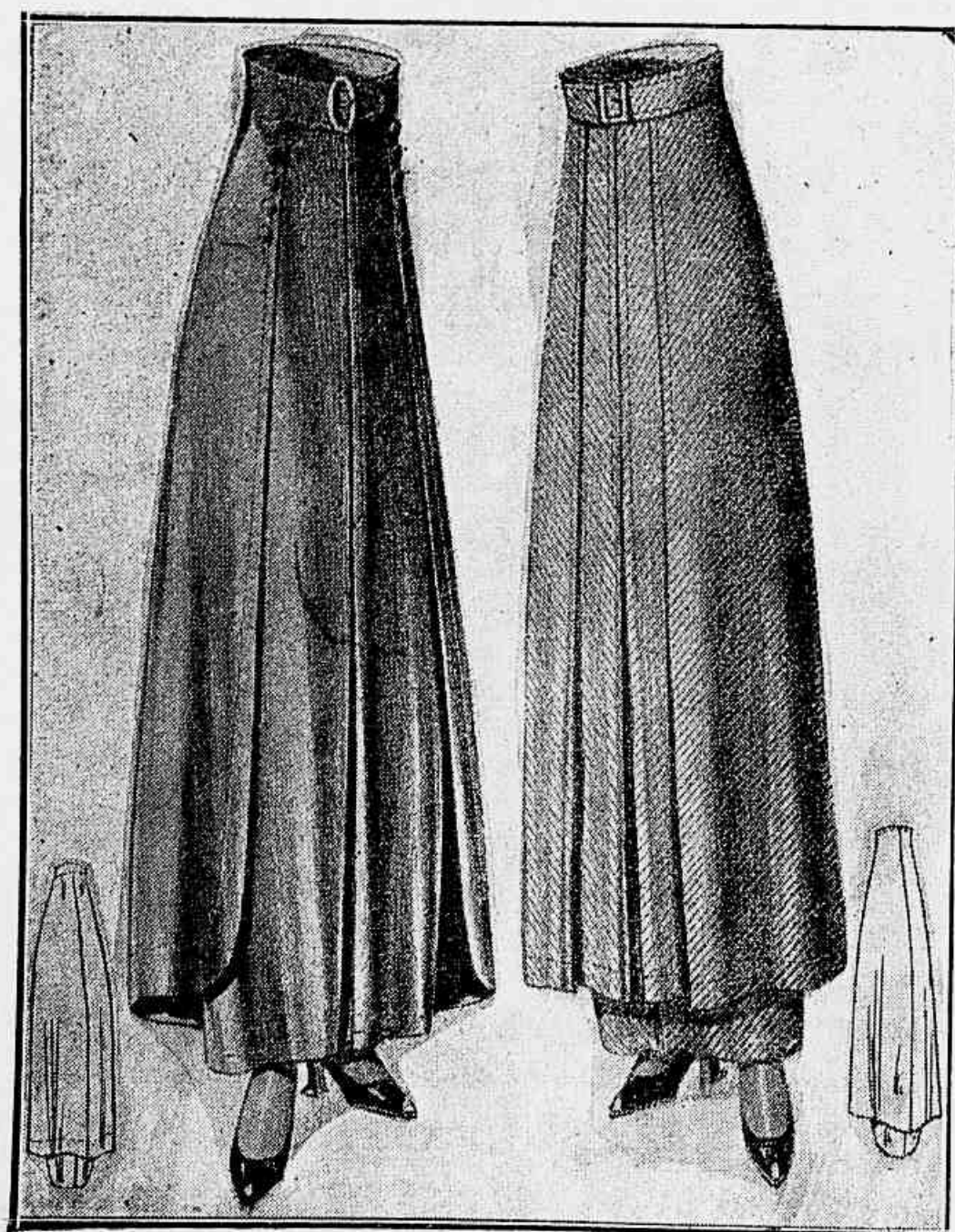
—Amas alguem ?

—Não; mas gostaria muito de ficar viuva.

Duas encantadoras toilettes para baile ou theatro, reunindo em admiravel conjunto, os ultimos caprichos da Moda.

Radiante toilette para noite. Saia de setim e tunica de renda.

Toilettes para passeio, ultimas creações, e para serem confeccionados em crepon, taffetá, musselina suissa, ou marquisette.

Modas Carnavalescas

Blusas chics

Tres modelos elegantes para saias de baixo e uma *combinação*.

Feitas em *linon* e guarnecidas com rendas e bordados que se combinam numa junção encantadora.

Os bordados destes modelos são de preferencia feitos á mão, o que torna o trabalho mais rico e artistico.

As rendas empregadas são de bilros ou valencianas, a não ser os quadrados que são em *guipure*. Combinação feita em bátista ou *linon*.

Quadrados de *filet* ou *guipure* ornamentam a parte superior alternando com margaridas bordadas a cheio.

Nos hombros tiras de entremeio, no decote e mangas uma renda de tres centimetros de largura.

A combinação franze na cintura onde prende num entremeio de passar fita, atravez do qual se passa uma fita branca ou de cor clara que dá um laço á frente.

Saias — Ultimos modelos

Vestidos para meninas

Historia do Brazil em poucas palavras

POR WLADIMIR PEREIRA

—

A abolição do elemento civil

A escravidão essa nodoa tão grande que maculava a hora de nossa patria, foi introduzida no Brazil pelos seus primeiros colonisadores.

Não eram só os selvagens as victimas de tanta crueldade. A raça africana, carregando com o peso tremendo do castigo cahido sobre os seus antepassados, confórme refere a narração biblica, tornou-se passiva de cruel captiveiro. O carinhoso sólo do nosso querido Brazil, sempre promto a acolher com amôr o estrangeiro que lhe pede abrigo, foi forçado a ser tambem inclemente para com os pobres infelizes que escravisados já eram trazidos ao Brazil em serviço dos seus senhores. Foi assim que logo após o inicio da colonisação no Brazil introduziam os portuguezes na nova terra essa macula tão negra que por tantos annos devia nodoar a historia patria. Entretanto esse triste estado não podia continuar por muito; os clamores dos opprimidos subiam ao throno d'aquelle que é o rei dos reis e o senhor dos senhores, e esse clemente rei aguardava o tempo marcado nos seus santos **D**ecretos para vir em soccorro dos pobres africanos. A medida que o Brazil foi progredindo, foram tambem surgindo Brazileiros caridosos que se moveram de piedade para com os infelizes escravisados e começaram a se pronunciar contra os actos de selvageria praticados pelos senhores.

O numero desses Brazileiros foi augmentando consideravelmente e mais tarde contou-se entre elles o nosso ex-imperador D. Pedro II, que, como brazileiro que era possuia a virtude da caridade que Deus no seu amôr implantou no coração do povo brazileiro, não podendo portanto olhar com indifferença o que pesava sobre os pobres africanos. A 28 de Setembro de 1817 foi promulgado uma lei que considerava livres os filhos de escravos nascidos dessa data em diante. E esta lei conhecida pela denominação de lei do ventre livre. Finalmente, a 13 de Maio de 1888 foi completamente abolida a escravidão do sólo brazileiro pela lei promulgada pela princeza D. Izabel então regente do imperio por se achar ausente o Snr. D Pedro II.

Senhorita Zelinda de Almeida

irmã do sr. Osvaldo de Almeida, nosso collega d'*A Semana*

O fogo (1)

—

Os philosophos gregos e romanos, em vista da grande utilidade do fogo, diziam ser elle um thesouro celeste, que os homens haviam roubado aos deuses; e muitos dos povos barbaros foram ainda mais longe, chegando a adoral-o como uma divindade.

Pelos alchimistas, foi considerado como um dos quatros elementos, de que era formada toda a natureza, sendo tido por muitos, como o principal dentre elles. Conhecendo desde as eras pre-historicas, veiu até nossos dias, sem perder o seu valor que, ao contrario, sempre augmenta.

Seu emprego estende-se a todos os ramos da actividade humana, pois tanto serve para as mais simples applicações, taes como, cosinhar os nossos alimentos e, incinerar as materias inuteis; como para mover as mais possantes machinas; e pela bocca dos canhões e carabinas, lança a devastação e a morte nos campos de batalha.

Quando o sól nos abandona, dexando-nos mergulhados nas densas trevas da noite, nos illumina; quando a inclemencia do tempo nos opprime com os seus rigores glaciaes, o fogo, com as suas tépidas emanações, repelle-os e, nos dá o bem está perdido; quando na lucta pela vida em qualquer emergencia lhe pedimos auxilio, eil-o, qual escravo submisso e ao mesmo tempo rei poderoso, dominando em obdiencia á nossa vontade.

Espalha ainda o luto e a desolação, entre os fragores de um incendio, assiste-se então um espectaculo que participa do bello e do horrivel, vendo-se florestas seculares, magestosas construcções, geniaes obras d'arte e, outras facturas do engenho humano, luctarem contra a furia do terrivel elemento e após medonhas contorsões tombarem anniquiladas em despojos fumegantes ou reduzidas a cinzas!

Nada lhe resiste. . . metaes, como o ouro, a platina, o palladio, a prata, etc., que parecem desafiar o mundo inteiro com a sua tenacidade, se vêm reduzidos a um simples liquido.

Quando, nas suas horas de cólera, sepulta sob a sua lavra incandescente, regiões inteiras, toda a natureza se acha ameaçada, a terra, e, o homem, o rei da creação, sente-se empotente, para lutar contra a furia do ignio elemento.

CLARA ALDA CASTRO.

(1) Este trabalho nos foi enviado pela galante e intelligente menina Clarinha Castro, assidua leitora do «Jornal das Moças.»

Pedro Rocha Filho e sua irmã Nenen Rocha, filhos do deputado estadoal dr. Pedro Rocha, em passeio na praça General Tiburcio. (Ceará)

CONTOS Á LAREIRA

I

O pagem loiro

(Ao scintillante espirito da poetisa Flôr de Ollem).

E' a tua vez agora, avozinha, de contares uma historia.

E a velhinha, curvada pelos soffrimentos e pela edade, para a terra que aos poucos a reclamava, n'uma ancia absorvente, preoccupada na elaboração chimica com que vae, sem começo nem fim, renovando o mundo as alvas cãs, como se as invernias lhe revestissem os cabellos, tendo nos olhinhos encovados o pallor d'um sêr que não é mais totalmente do mundo, ageitou, resguardando-se, o seu chale de casemira e começou com voz pausada e fraca:

— «Era uma vez, meus netinhos, um pagem loiro como o dealbar d'um rosicler.

Suas faces rosadas assemelhavam-se ao marmore mais polido e branco, dando-lhes vida, irradiação de sangue vermelho e quente. Nos seus olhos azues, como pedaços roubados ao manto ethereo, perpassava o condão admiravel das eternas maravilhas do céo.

Era elegante como nunca o foi Adonis.

O artista mais consummado no manejo do buril não conseguiria nunca talhar na massa granitica tal arrojo de concepção da estatuaria.

Sua voz, ah! meus netinhos, sua voz cantava as estancias mais dulcissimas dos corações a quem o lyrismo empresta azas para os arroubos subtis da imaginação.

Emfim, elle era tão bello como as mais bellas visões de sonho!

* * *

Desde a hora melancolica do Angelus, quando o tempo soffre a transição dolente do dia para a noite, no mysterio da transfiguração, elle quedava-se sob as ameias d'um castello visinho, tirando sons harmoniosos da sua cithara chorosa e esses lampejos, arrancados ao coração, iam gementes, levados no perpassar das auras subtis, cantar nos ouvidos da dama de seus pensamentos.

O pagem loiro amava. Era o primeiro amor esse o do pagem loiro.

* * *

O primeiro amor! . . .

* * *

Vós não comprehendeis ainda, no desconhecimento feliz em que viveis das asperezas do futuro, a significação d'essas duas palavras: Primeiro amor!

O esvoaçar inicial das primeiras chimeras, o primeiro arroubo dos sonhos do nosso coração.

Imaginae, meus netinhos, um passarinho implume, em cujo bico, o bico de sua mãezinha depõe carinhosamente os alimentos com esse desvelo que só têm as mães, na preoccupação de vêl-o crescido e forte. Imaginae a alegria do passarinho quando sente estuar em si o desejo de correr os espaços, em que vibram frémitos de primavera, pousar no galho altissimo d'um mangueiral, em pleno floreo rejuvenescimento, e de lá desferir seu canto mavioso ao lado dos companheiros.

E quando elle levanta o vôo, prelibando os gozos do alto, as azas lhe faltam e fatalmente cáe, morrendo ou perdendo logo a mais fagueira de suas illusões.

E' isto, meus netinhos, o primeiro amor!

* * *

Eu lancei tambem, como todos, o primeiro vôo e as azas me faltaram desgraçadamente . . .

* * *

O pagem loiro amava. A cithara gemia, confundidos seus sons com o roçagar das perfumosas brisas crepusculares e alteiavam-se com o incenso que se evola ao culto de nossas adorações.

Quando todos dormiam no castello silente, vindo de cima as luzes das janellas de vitraes coloridos, a um patamar irrompia uma fórma de mulher, branca, como a apparição fantastica dum cerebro desvairado e pendendo o busto, onde dois pomos fremiam estuantes por fugir ao doce captiveiro do corpinho de cambraia, alvissima, ficava-se extactica a ouvir as melodias que o coração inspirava ás cordas da cithara do pagem loiro.

Era ella d'uma belleza angelica. Lá do alto, aquella figura deslumbrante de uma mulher bonita, cercada pelo resplendor da virgindade que lhe realçava as maravilhas dos contornos modelares, parecia um anjo que á terra viesse ter para invejar o amor dos homens, que é uma fórma de expiação.

As suas mãos, brancas, muito brancas, serviriam de leme a qualquer infeliz que o seu capricho entendesse de levar ao precipicio, á loucura, ao crime, á morte, iman a cuja attracção ninguem poderia fugir.

* * *

Todas as noites o doce e encantador idyllio se celebrava com a pontualidade do crente que vae orar com fervor no altar de sua religião.

A lua doirava-lhes ás vezes os cabellos e elle então parecia mais bello, ella mais branca, mais angelica, mais pura e, ambos menos da terra, antes creaturas do ceu.

A's vezes tambem, fugindo a lua, que é a primavera dos astros, o minguante assistia ao doce idyllio e escondia dos olhares profanos da Natureza invejosa os beijos que ella lhe mandava, no sussurrar blandicioso das auras crepusculosas.

E elle os recolhias no concavo da mão, beijava-os, soltando-os novamente para a fonte radiosa e onde promanaram.

* * *

Uma noite, porém, meus netinhos, noite de tristeza e de luto, a natureza chorando deixava que as suas lagrimas, rolando das ameias do castello, cahissem duas a duas, constantes e infindas, sobre o longo chapéo emplumado do infeliz pagem loiro.

Ella não appareceu nesta noite.

Na noite seguinte não appareceu ainda.

Passaram-se muitos dias, semanas e mezes e a virgem branca, muito branca, como a figura abstracta d'um sonho bom não apparecia. As auras gemiam tristemente, a lua era mais pallida, o amor no peito do pagem loiro era mais forte ainda e a virgem branca, como apparição fantastica d'um cerebro desvairado, não apparecia mais no peitoril do pa amar.

A cithara tinha vibrações tão tristes, de enternecer o coração mais empedernido. Começava gravemente como um gemido longinquo até que se avolumava num «crescendo» marcado pela dôr. Gemia, gemia, as auras perpassavam subtis e a virgem não apparecia. . .

O mancebo definhava. Os olhos revestiam-se d'um pallor desconhecido. As suas faces encavadas, o coração, urna funerea guardando os restos do seu amor primeiro, as azas emmurchecidas de sua primeira illusão.

* * *

Uma noite, meus netinhos, rebrilhante fanfarra de festa preludiava no castello. A illuminação era féerica. Os pares começavam a voltear no salão. A virgem linda, a castellã dos roseos sonhos do pagem loiro, casáse. E elle sob as ameias do castello, chorando, vibrava os accórdes dolentes de sua cithara, contando o «de profundis» de suas utopias. . .

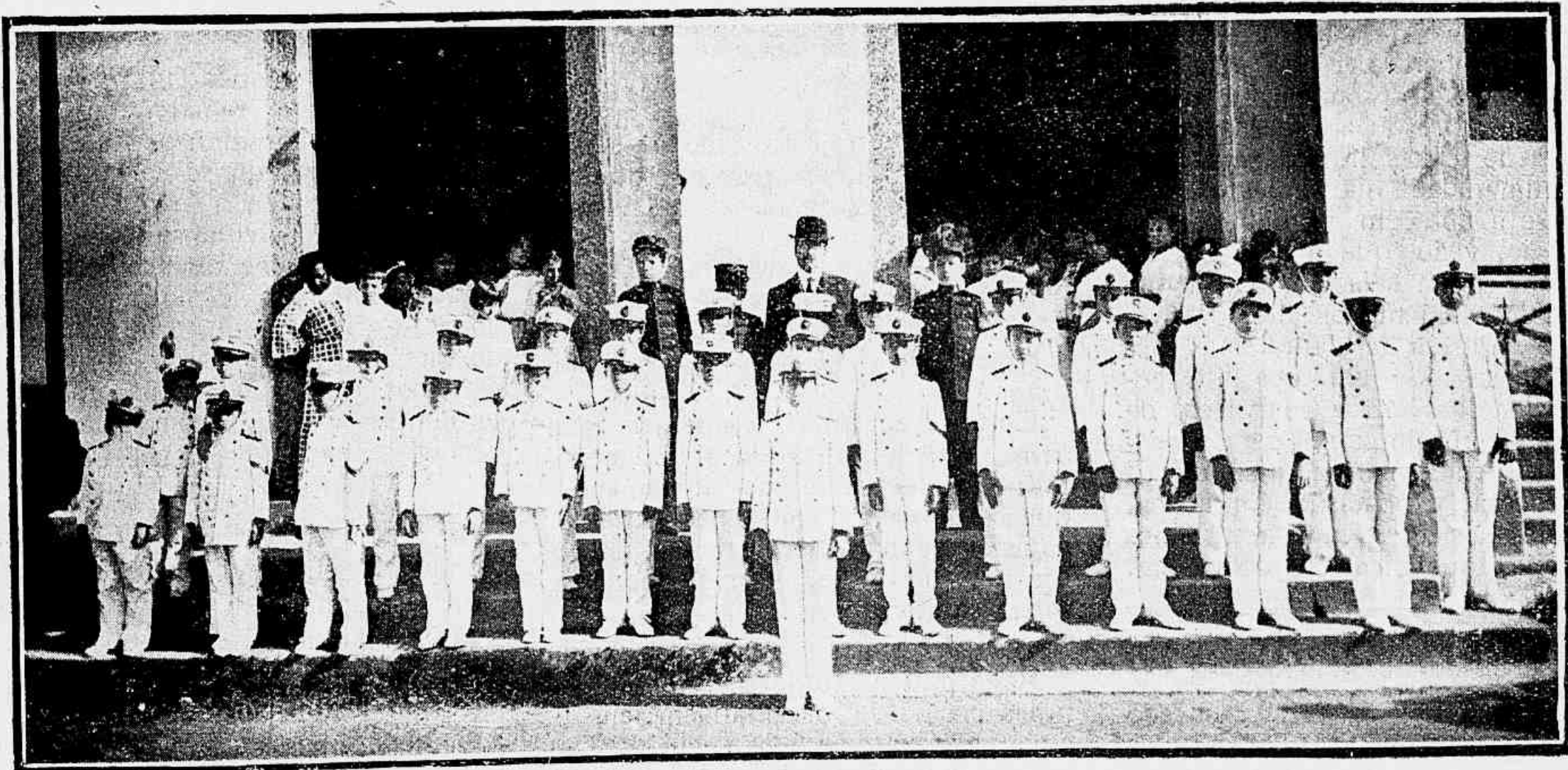
Quando ouviu esses sons, teve no coração uns restos da recordação do seu amoroso pagem e veio ás grades do patamar.

Relanceou a vista em torno. Elle olhava-lhe a corôa de flôres de larangeira que lhe circumdava a fronte, flôres cujo perfume elle não aspiraria. Oh, não!

E ella chorou. Uma de suas lagrimas elle aparou-a na bocca. Sentiu-a quente, lagrima de piedade talvez.

Servio-lhe comtudo de hostia.

Elle que commungára no altar dos mais sagrados affectos em holocausto, coração que não mais lhe pertencia, tendo confessado á noite as suas amarguras, o seu desengano, cahiu arquejante sobre uma pedra fronteiriça e, prelibando como elixir da morte, quando não o devera ser, a lagrima que lhe cahira á bocca, renasceu para uma nova vida. . . a vida, meus netinhos, que irei viver, quando esta carcassa velha e vergada pelos annos não puder mais contar-vos historias de pagens loiros.

PAULINO BARBOSA.

COLLEGIO MAIA — Alumnos depois da missa na igreija de Nossa Senhora das Dores

DE TUDO UM POUCO

Conservação da côr daa flores em estado de seccas

Quantas vezes não desejariamos guardar, por muito tempo, a côr de uma flor rara ou que nos haja sido dada por pessoa de grande amisade!

O tempo, porém, que tudo destina e modifica, começa logo a exercer a sua acção especialmente sobre a côr quando e a flor começa a fenecer.

Para impedir que a flor ao seccar perca as suas cores, descobrimos um meio que não é difficil de pôr em pratica.

Mergulha-se a flor em banho composto de uma parte de acido de chlorydrico e seis-centas de alcool, fazendo-a seccar em seguida. A deseccação se opera mais rapidamente que pelos processos ordinarios.

Podemos nos servir tambem, para conseguir o mesmo resultado, de uma solução de acido oxalico.

Conservação das fórmas das flores, em estado de seccas

Muitas vezes pretendemos guardar uma flôr secca, embora sem a sua bella côr, mas com a sua perfeita conformação, e para isso se conseguir apresentamos o seguinte processo:

Sustem-se a flôr no centro de um vaso qualquer que se enche de areia fina, bem espurgada de poeira (areia lavada, coada e secca) e agita-se o vaso de instante a instante para que a areia se vá acamando bem e não deixe em seu todo nenhuma cavidade.

A flor coberta por essa areia deve ser levada com o proprio vaso a uma estufa de 40.° ou a um espaço em presença do acido sulfurico, para absolver a humanidade que se despenderá. Retira-se a flor, em seguida, e com precaução, visto que ella é fragil e exige que assim seja tratada. As côres são mais ou menos alteradas, segundo a natureza da planta, mas esse facto não se póde em absoluto evitar. A flôr do *abutilan* (malvacea) da *fritilaria* (corôa imperial) e da *vandasuaveis* (Orchidea) tornam-se encarnadas-escuras, expostas porém, ao sol, adquirem suas côres naturaes, menos a fritilaria, que fica cor de violeta.

Casas de botões

A melhor fórma de fazer casas de botões, especialmente as grandes para casacos, etc., é marcar a posição da casa com um lapis ou giz e em seguida coser á machina cada lado da casa.

Assim tereis mais facilidade em fazer a casa de botão porque este methodo evita que a fazenda se desfie e que uma pessoa perca a paciencia . . .

Café

Para reconhecer a falsificação do café em pó, basta que se ponha uma pitada sobre um cope d'agua. Se o café for puro todo o pó sobrevirá, mas se elle contiver chicorea, milho, feijão, etc., estes irão immediatamente ao fundo, sobrenadando apenas a parte de café puro.

RECEITAS

Cozido á hespanhola.—Ponha-se dentro dum tacho a quantidade de agua que se necessite e quando ferva, deite-se-lhe dentro, carne, gallinha, toucinho, ossos de presunto e chouriço, deixe-se ferver durante uma hora a fogo vivo, então junte-se-lhe grão de bico que se terá de molho desde o dia anterior, em seguida batatas e couve e emfim tire-se o caldo para se fazer a sopa que se quizer.

*

Pés de porco recheados. — Ponham-se os pés a cozer e dêem-se-lhes um golpe bem profundo, ao comprido. Quando estejam brandos extraiam-se-lhes os ossos, recheiem-se com um picado de tubaras preparadas com carne de porco, presunto, sal, noz muscada e pimenta; envolvam-se em finas talhadas de toucinho que se terão previamente posto de molho em agua quente para que abrandem e freje-se cada uma por sua vez, na frijideira, para que fiquem bem torradas e sirvam-se na mesma frijideira.

*

Salchichas á catalã.—Para que a carne seja bastante saborosa, deve ser bem escolhida, sem nervos, bem limpa.

Corte-se em fatias, tempere-se com sal e pimenta, esta em abundancia, façam-se as salchichas do tamanho que se deseje, atem-se nas extremidades e ponham-se a cozer durante um quarto d'hora, e meia hora se forem muito grossas.

*

Bacalhau á ingleza.—Fervam-se umas postas de bacalhau em leite e agua. Escorram-se em seguida. Tome-se uma cassarola, ponha-se-lhe dentro azeite e manteiga, uma talhada de limão, filet de arenque, cebollinhas inteiras, salsa e cebolla picada, um pouco de pimenta preta e um alho.

Ponha-se metade do molho dentro duma cassarola que resista bem ao fogo e colloque-se-lhe dentro o bacalhau rodeado de fatias de pão frito em manteiga. Deite-se então o resto do molho sobre o bacalhau polvilhando-o com pão rallado e colloque-se emfim a cassarola dentro dum forno bem quente, até formar uma leve côdea.

*

Ovos com tomates.—Fervidos os ovos e tiradas as cascas, cortam-se em metades ao comprido, envolvem-se em farinha e frejem-se em manteiga.

Picam-se bastante cebollas e tomates sem pelle dentro duma cassarola. Quando estes estejam dourados, junte-se-lhes caldo e depois de terem fervido algum tempo, passem-se por um passador fino e colloquem-se-lhes os ovos dentro.

*

Couve-flôr com molho branco.—Ferva-se uma couve-flor, e antes que se desfaça tire-se da fervura e ponha-se a escorrer não a deixando esfriar, no emtanto.

Prepare se um molho branco que consiste de banha e farinha dissolvida em caldo e forme-se um molho espesso com o qual se untam os pedaços de couve-flôr, um a um, para se collocarem em seguida dentro dum tacho que resista bastante ao fogo. O molho que reste deite-se sobre a couve-flôr.

*

Omelettes recheadas. — Faça-se uma fritada com tomate, toucinho e presunto em bocadinhos. As omelettes fazem-se com um só ovo cada uma.

Quando se deita o ovo dentro da frigideira, polvilha-se com queijo ralado, deita-se-lhe uma colherada da fritada, enrola-se como as demais omelettes á franceza e, no momento de terem que se servir, torna-se a polvilhar com queijo e pão ralado e tornam-se a frigir com manteiga. Sirvam-se bem quentes.

*

Essencia de violeta.— Collocam-seas pétalas em um boião de vidro ou barro esmaltado, em camadas successivas, sendo uma de violetas e outra de assucar.

Assim ficam, por tres dias, ao sol. São, depois, passadas por um panno, por expressão, afim de apurar-se a essencia.

SÓ

É CALVO QUEM QUER
PERDE O CABELLO QUEM QUER
TEM BARBA FALHADA QUEM QUER
TEM CASPA QUEM QUER

Porque o PILOGENIO

Faz nascer novos cabellos, impede a sua quéda, faz vir uma barba forte e sadia e faz desapparecer completamente a caspa e quaesquer parasitas da cabeça, barba e sobrancelhas. Numerosos casos de curas em pessoas conhecidas, provam a sua efficacia.

Bexiga, Rins, Prostata, Urethra

A URUFORMINA GRANULADA de Giffoni é um precioso diuretico e antiseptico dos rins, da bexiga, da urethra e dos intestinos. Dissolve o acido urico e os uratos. Por isso é ella empregada sempre com feliz resultado nas influencia renal, cystites, pyetites, nephrites, pyelonephrites, urethristes chronicas, inflamação da prostata, catharro da bexiga, typho abdominal, uremia, diathese urica, arêas, calculos, etc.

As pessoas idosas ou não, que têm a bexiga preguiçosa, e cuja urina se decompõe facilmente devido a retenção, encontram na URUFORMINA de GIFFONI um verdadeiro ESPECIFICO porque ella não só facilita e augmenta a DIURESE, como desinfecta a BEXIGA e a URINA evitando a fermentação desta e a infecção do organismo pelos productos dessa decomposição. Numerosos attestados dos mais notaveis clinicos provam a sua efficacia. Vide a bulla que acompanha cada frasco.

Encontra-se nas boas Drogarias e Pharmacias desta Capital e dos Estados e no

Deposito: Drogaria Francisco Giffoni & C.-1.º de Março, 17

RIO DE JANEIRO

Asseio - Conforto - Luxo - Ventilação - Optima Collocação

FAÇA BOAS RESOLUÇÕES PARA O NOVO ANNO

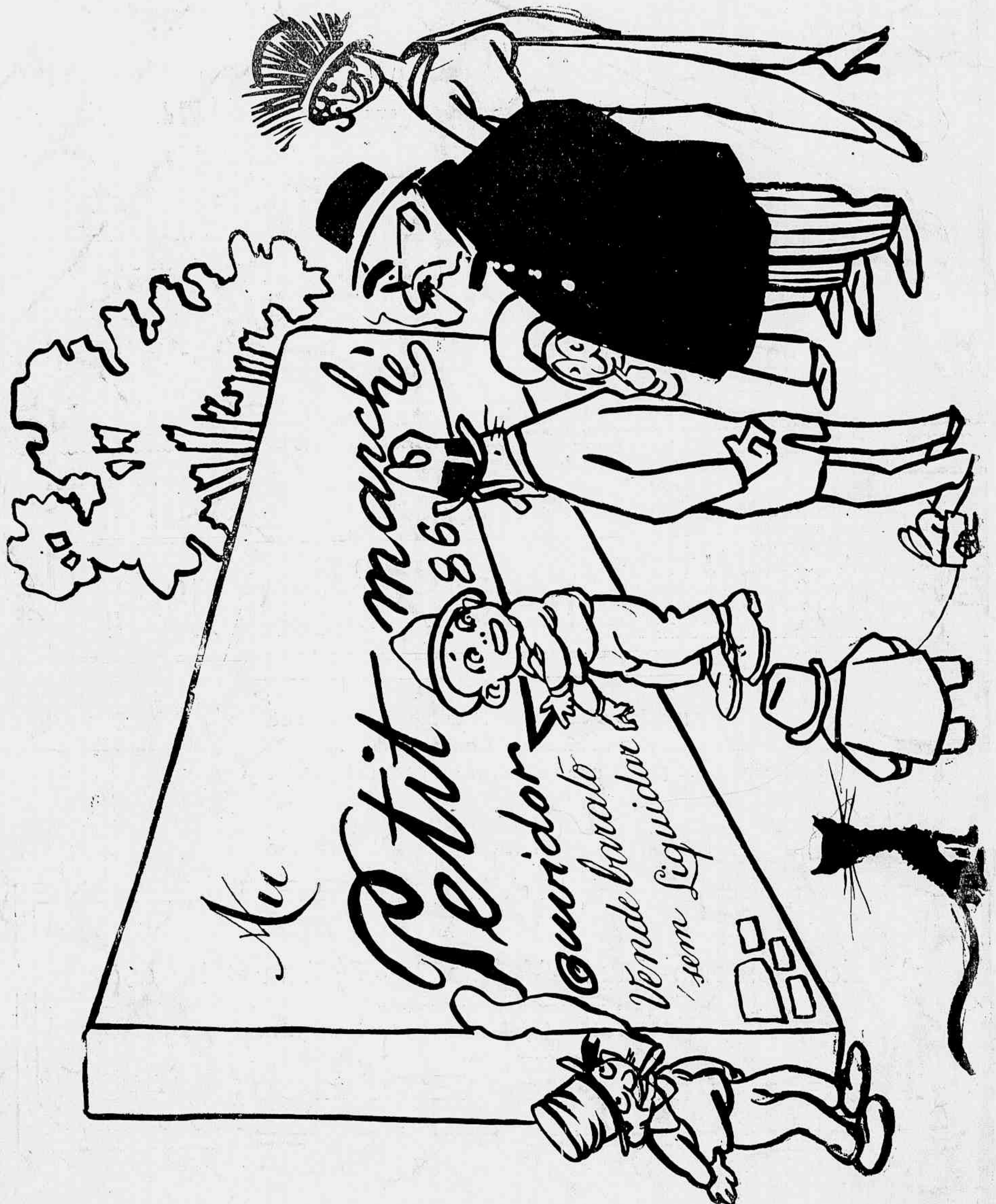
Avenida Rio Branco, 149

Fazendas, Modas e Confecções

ARTIGOS PARA CRIANÇAS

Especialidades em Roupas Brancas para Senhoras e Meninas

Enxovaes * Officina de costura * Costumes Tailleurs * Novidades

RIO DE JANEIRO * Telephone—Norte, 1.366

NÃO FORAM PUBLICADOS
OS DIAS: 16 A 31